

ILUSTRAÇÃO



A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M.º X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA



Infância Saudavel e Feliz

Quando, após os críticos primeiros meses do bebé os seus membros começam a desenvolver-se com vigor, são bem notáveis os benéficos efeitos que provêm de começar cedo a ministrar os afamados ALIMENTOS ALLENBURYS de composição semelhante á do leite materno e com a necessária dose de Vitamina D - elemento essencial á formação perfeita dos ossos e dos dentes

A venda nas boas farmácias e mercearias

Peça V. Exª um folheto gratis

'Allenburys'
série de alimentos para crianças

Fabricantes: ALLEN & HANBURY LTD., LONDRES.
Sub-agente no PORTO: Farmácia Sarabando, L. Loios, 35.
Representantes no País: COLL TAYLOR LDA., R. Douradores,
29-1.º-LISBOA. Telef. 21476. Teleg. DELTA.

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não póde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado 12\$00
encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortópico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acórdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair**A 4.^a EDIÇÃO****Terras do Demo****ROMANCE****POR****AQUILINO RIBEIRO**1 vol. de 332 págs., brochado . . . **12\$00**Encadernado **16\$00****À venda em todas as livrarias**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND73, Rua Garrett, 75
LISBOA**A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO**

DO

TOLEDO**IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES**por **ANTERO DE FIGUEIREDO***«TOLEDO é um livro que se
lê de-pressa e se relê de-vagar.»*

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**Grande sucesso****JULIO DANTAS****ALTA RODA****3.^a EDIÇÃO**

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. **15\$00**broch. **10\$00**

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASILRua da Condessa, 80
LISBOA**ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA**O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00

encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

ESTORIL

COSTA DO SOL

■ Comboios eléctricos de meia em meia hora

O CLIMA MAIS TEMPERADO DA EUROPA

A PRAIA DA MODA

TODOS OS DESPORTOS

Golf, Tennis, Polo, Nata-
ção, etc.

ESTORIL PALACIO-HOTEL

Luxuoso e confortavel.

HOTEL DO PARQUE

Elegante e moderno.

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Termal e
Fisioterapico.
Gimnastica — Esgrima.
Grande Piscina de água
tépida.

TAMARIZ

O Paraiso das crianças.
Magnifica esplanada so-
bre o mar.

BAR AMERICANO E CAFÉ GLACIER

Teatro — Cinema — Concertos — Bai-
les e todos os jogos autorizados
pelo Governo no

CASINO ESTORIL

ABERTO TODO O ANO



As dôres de cabeça não matam,
mas transformam a vida num
inferno. Dois comprimidos de
Cafiaspirina suprimem quasi
instantaneamente as dôres. São
absolutamente inofensivos para
o organismo.

Cafiaspirina



GRAVADORES

IMPRESSORES



Ayres

TELEFONE
21368

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDA-
DE DA LI-
VRARIA
BERTRAND
S.A.R.L. RUA
GARRETT, 73
E 75 - LISBOA

N.º 19 (187) - 8.º ANO

1 - OUTUBRO - 1988

A praia do Estoril...



...vista por uma janela do Tamariz



O projecto do monumento que esteve para ser erigido em Paris, pertence ao mestre Anjos Teixeira, e alcançou o 1.º Prémio no Concurso aberto em Lisboa em 1914

VEM de longe a idéia de se erigir, em Paris, um monumento ao genial cantor das glórias lusitanas, que foi Luiz de Camões, tendo mesmo chegado a ser inaugurado no bairro de Passy, da capital francesa, na rua que tem o nome do grande vate, o seu busto, sobre um modesto pedestal, feito por iniciativa do falecido jornalista Xavier de Carvalho e custeado por êle e outros portugueses ali residentes.

Não achou o conselho municipal daquella cidade tal padrão digno do autor dos *Luziadas*, nem da sua obra, e fê-lo demolir, tendo-se mais tarde formado, com o intuito de fazer levantar em local apropriado, um monumento grandioso ao excelso poeta, uma comissão composta por Jules Claretie, Anatole France e Jean Richepin.

Ao mesmo tempo, em Lisboa, com identicas intenções e por iniciativa do malogrado e ilustre caudico António Macieira, organisou-se também uma

uma *maquette* para a magnifica estatua do poeta das "Legende des siècles".

O aborrecimento natural de não ter podido concorrer ás referidas provas públicas, foi, porém largamente compensado, porque apresentando o seu trabalho no *Salon* desse ano, obteve a medalha de ouro, merecendo grandes encómios da crítica, e sendo-lhe a estatua comprada pelo Estado que a ofereceu á Inglaterra, sendo nêsse mesmo ano inaugurada na cidade de Guenessey.

Aberto em Lisboa o concurso para as provas públicas, em 1914, acudiram ao chamamento vários artistas, que enviaram as respectivas *maquettes* para a Sociedade de Belas Artes, onde, a 8 de fevereiro de 1915, compareceram todos os membros do júri que tinha de as apreciar.

Eram êles os srs. Marques de Oliveira, Columbano, Veloso Salgado, Ventura Terra, Marques da Silva e Fernandes de Sá, por parte das agremiações artisticas, e Costa Couraça, drs. José de Figueiredo,

CAMÕES E M PARIS

QUANDO SERÁ MANDADO PARA A CAPITAL FRANCESA O MONUMENTO DO GRANDE ÉPICO VISTO QUE DESDE 1915 SE APROVOU A "MAQUETTE"?

grande comissão na qual figuravam artistas, escritores, advogados, e outras entidades importantes, que promoveu uma subscrição para cobrir as despesas a fazer e abriu concurso para a factura do monumento.

Ficou, que nos recorde, assente entre as duas comissões, que a francesa nos enviasse uma estatua de Vitor Hugo e a portuguesa fizesse levantar em Paris o monumento a Luiz de Camões.

Por essa occasião o moço escultor Jean Boucher, hoje artista de grande categoria, propoz-se ir ao concurso que, pelos motivos expostos, não se chegou a realizar, tendo feito

João Barreira e Augusto de Castro, representantes da crítica de arte e literatura.

Depois de quatro horas de minucioso exame foi proclamado, sem discrepância, como merecedor do primeiro prémio o projecto da autoria de Artur dos Anjos Teixeira, com ligeiras modificações principalmente no seu coroaamento, sendo conferida a segunda recompensa a Simões de Almeida, sobrinho, ao arquiteto Tertuliano Marques, seu colaborador, cabendo o terceiro prémio a Diogo de Macedo e dando-se menções honrosas aos concorrentes Maximiano Alves, Guilherme de Andrade, Henrique Moreira e Martins de Sousa.

Tôda a imprensa e quantos tinham visto os projectos para o monumento em honra do príncipe dos poetas portugueses, concordaram com o voto do júri, tornando-se então bastante conhecido o nome de Anjos Teixeira, que era laureado da Escola de Belas Artes, de Lisboa e, tendo obtido por seus merecimentos o prémio de pensionista do Estado em Paris, ali ficára residindo.

Mestre Anjos Teixeira, assim lhe devemos chamar porque o merece de facto e de direito, teve como professor o grande artista Simões de Almeida, tio, e, logo no início dos seus estudos revelou os maiores talentos e as melhores aptidões para a difficil e complicada arte de modelar e esculpir modelos vivos, confirmando largamente depois e, em especial com o projecto em questão e com dezenas de obras primorosas, espalhadas por todo o país quanto dêle havia a esperar.

Avultam também entre os trabalhos pelo ilustre artista até agora feitos a estatua do heróico marinheiro Carvalho Araujo, ainda não ha muito erigida em Vila Real e o monumento que vai ser colocado em sítio apropriado, no Parque

Eduardo VII, em memória do egrégio escritor Camilo Castelo Branco. Os gessos dessa gloriosa concepção artistica do mestre Anjos Teixeira, que comportam nove figuras de notável relevo, incluindo a estatua do celebre romancista, vão ser enviados para o canteiro, que os reproduzirá em marmore arrancado de uma das nossas montanhas, constituindo essa obra escultórica a melhor demonstração da especialidade do nosso país e cremos não errar afirmando que mesmo da Península.

Anjos Teixeira que tem dois preciosos trabalhos no Museu de Arte Contemporanea, possui uma 2.ª e uma 1.ª medalhas e uma medalha de ouro, na última exposição realizada no Rio de Janeiro e a 1.ª medalha de escultura do 1.º *Salon* do Estoril.

Voltando ao monumento a Camões, devemos dizer dos motivos, conhecidos por todos quantos se prendem com coisas artisticas e patrióticas, porque não pode ainda achar-se realizado.

É o caso que tendo rebentado a Grande Guerra em 1914, veio com essa conflagração, em que tantas vidas e cabedais foram consumidos, a desvalorização da moeda, as subidas de salário e de custo de materiais e outras razões de peso, tornar impossível conseguir com a verba de 20.000\$00, saldo do produto obtido na subscrição aberta para o efeito, na qual estava orçado o custo do monumento e a realização deste.

O restante do dinheiro obtido então, que eram uns 26 contos, foi empregado no pagamento de prémios e outras despesas concernentes do concurso.

O grande Columbano ainda propôs no seio da comissão, que se aproveitasse da *maquette* apenas a figura de Camões, tal como estava no projecto, colocada sobre um simples pedestal em estilo Renascença. Não chegavam, ainda assim, os 20.000\$00, sendo essa a razão justificativa de não

podermos admirar em uma praça da grande capital francesa, o grande monumento de mestre Anjos Teixeira.

Nessa data o nosso querido artista regressou à Pátria, tendo vivido ali cerca de sete anos, no meio artistico, que tão bem se dava com a sua individualidade, fortalecendo-lhe o espirito e predispondo-o ao trabalho.

Sugeriu-nos este artigo o facto de termos em um dos últimos dias do mês findo, no "Excelsior" de Paris, um eco, intitulado: "Teremos um monumento a Camões?", reproduzido em telegrama de ali recebido pelos jornais "Diário de Noticias", "Século" e "A Voz".

Nesse eco refere-se aquella interessante fôlha parisiense à comissão a que já aludimos, que em Paris, pelos motivos que nos impediram de electuar o monumento ao grande épico nacional, pôr também de parte a idéa de prestar a merecida homenagem à memória do luso cantor.

Enaltece a referida local o nosso esforço combativo durante a guerra e termina dizendo: "Os poetas da Academia pensam em voltar a ocupar-se do projecto. Temos estátuas a Shakespeare e Washington. Decerto se encontrará em Paris um lugar para a de Camões".

Diz muito bem o jornal parisiense.

E, como temos um projecto digno, por todos os motivos, de ali figurar, competemos fazer reviver a iniciativa há uma vin-



Por proposta do pintor Columbano, devido a falta de verba, esteve para ser enviada para Paris a a figura do grande épico arrancada ao projecto de Anjos Teixeira

tena de anos tomada, tanto mais que muitos dos que promoveram nessa época uma subscrição, para a realizar, se encontram vivos e válidos, vendo-se entre êles o sr. dr. Augusto de Castro, nosso ministro junto do Quirinal, que fez parte da comissão do monumento e do júri que o aprovou.

Vamos, senhores, é tocar a unir. Façam-se um novo orçamento, procure-se alcançar o dinheiro preciso para levantar em Paris o monumento concebido pelo mestre Anjos Teixeira, a mais digna consagração que à memória do grande poeta, do grande português, do grande Luiz de Camões, podemos fazer.

Para essa colecta que muito nos honrará, concorrerão, como ontem, as câmaras municipais de Lisboa e Pôrto e outras colectividades, bancos, companhias, pobres e ricos e decerto o governo da ditadura.

Moreira Fernandes.



Um aspecto do rio de Seia, entre penedos e pinheirais

Serra da Estrêla, Setembro de 1932.

FALTAVAM em Sameice, concelho de Seia, ainda duas semanas para a pomposa festa, e já os foguetes estrondavam no espaço calmo a anunciá-la. Ainda que um mês antes se tivesse feito outra festa, a que agora se projectava iria ser rija, de máximo aparato e que levaria a admiração e o espanto a toda a redondeza. É que se tratava do Coração de Jesus, aquela imagem linda, nova na igreja, duma suave correcção de formas e que parece ter no rosto a impressão tranqüila dum delicioso sonho. E tudo combinado entre o clero e o principal festeiro:

"Nada de mistura de festas cívicas, mundanas, com a festa religiosa; e, além disso, duas procissões, uma de manhã, sem santos e só com o Santíssimo, e outra à tarde, para que o carinhoso Jesus, acompanhado de S. Sebastião, fosse pela primeira vez visitar o seu povo; e depois, no dia seguinte, seria a festa cívica: quermesse, arraial, fogo, luminárias, balões, música, vinho e danças."

Aproxima-se o grande dia, e tudo se prepara. Alindam-se ruas, elevam-se arcos e começa o enfeite da vetusta igreja. Tanto prazer que se esperava!... E, no entanto, o bom Jesus achava-se triste. É que só agora, quando foi tirado do altar para ser colocado no andor, é que deu cuidado a sua mão direita decepada e um dedo da mão esquerda completamente partido. Com um boocado de gesso e alguns parafusos tudo se remediou. Levou um dia o concerto. S. Sebastião, ao lado, no seu ardo já florido, assistiu à operação, enquanto o bondoso Jesus sofredor, a ia suportando, paciente, conformado, numa encantadora resignação.

E chegou o dia da festa. Mal surgira a manhã e quando já as casas da povoação se escancaravam à luz, a fiarmônica chega, percorre o povo e, com um berante ordinário, leva à alma de todos uma consoladora alegria.

Foguetes estrelajantes, outros de pavoroso ruído, fendem de vez em quando

vertiginosamente o ar. À hora própria, os sinos tängem, lá em cima, na igreja, com uma plangente sonoridade, vibrantes, clamorosos, chamando, assim, ao momento contemplativo da adoração a Deus.

E encheu-se, naquele dia, a igreja. Já do turbulo irradia o aroma activo do incenso. E, como uma alvorada límpida, de suaves cambiantes de luz, a missa, com música, ritos e cantos, começa, chega ao apogeu, e acaba. Que sublime o doce olhar de Jesus, durante a função, caindo como um beijo, terno, amoroso, sobre todos aqueles que, por sua atenção, ali se prostavam! E de tarde iria êle, no seu andor policromado de fitas, retribuir o mesmo afecto, o mesmo amor, confraternizando assim, naquele dia, mais íntima e amoravelmente, com aquele pio e dedicado povo. Assim fizera outróra, na Palestina, desde Bethlem, onde nascera, até Jerusalém, onde o mataram.

Ali visitára também os mais humildes, ali consolara os mais desgraçados e ali aconselhára a humildade, a resignação e a esperança. E a festa continua. Junto de S. Sebastião, assistiu Cristo, sorridente, à saída da primeira procissão: o Santíssimo debaixo do pálio, a umbela, a irmandade, a bandeira das almas e, antes das fogaças, da música e do povo, as meninas da comunhão com pequenos pendões de variadas cores e que punham uma nota alegre, garrida, no esplendor da procissão. Recolheu e'a à igreja, depois de três quiló-

metros de caminho escabroso, a passo lento, cadenciado, enquanto o sol se mostrava, de vez em quando, pelo intervalo das nuvens, como que querendo-a cobrir com o manto da sua vibrante luz. E já tarde, depois da arrematação das ofertas, à sombra das frondosas carvalheiras do adro, fechou-se a igreja e debandou cada um para o suculento jantar daquele dia. E enquanto o povo, durante a tarde, se expande efusivamente, com uma alegria própria dos solénes dias de festa, o paciente Jesus e S. Sebastião esperam na igreja, silenciosa, a sua vez.

Declinou porém a tarde e chegou a noite, sem que alguém entrasse na igreja para que Jesus fôsse ver o seu rebanho, agora disperso, como tanto desejava. É que a segunda procissão não se fez — por culpa do festeiro, diziam uns, por culpa do padre, diziam outros.

Na densa escuridão do templo, onde tanto canto e tanta música, horas antes, haviam deliciado os ouvintes, ouviu-se agora, sómente, triste, desolador, monotono, o tic-tac do relógio. Porém, altas horas, quasi meia noite, êste grave silêncio é de repente interrompido. É que chegava até Jesus um sussurro de vozes, prolongado, numa exaltação crescente, e que bem indicava desarmonia entre homens, apesar do sermão, cheio de flores e de moral com que, horas antes, tanto os encantara o padre. E tudo porque o principal festeiro e grande parte do povo que-

À SOMBRA DA SERRA... O perdão de Jesus

riam, naquela noite e não na seguinte, o arraial, a música, as peças de fogo, as danças, a quermesse. E, porque o prior, como bom soldado, tinha de cumprir fielmente ordens superiores, que recebera, não consentindo naquela noite os folguedos, eis contra êle as iras, os insultos, as ameaças de morte. No entanto, na igreja, como contraste, o grave silêncio continuava.

Só a grande pêndula do relógio, no seu movimento lento, isócrono, compassado, respondia, numa tristeza imensa àquele tumulto, como que a indicar aos homens a eternidade do tempo e, por culpa dos homens, a eternidade da dor.

E mais um dia decorre, sem que ninguém se lembrasse do sereno Jesus, para ali abandonado, com as mãos concertadas, como que humilhado e fora do seu altar. Anoiteceu. E à hora própria, estrondos ruidosos, como peças que salvassem, quebram de súbito a doce tranqüilidade da noite. Eram os foguetões de grande efeito a anunciar, violentos, que o arraial vistoso ia enfim começar: Chegava à igreja o som estridente da música e o



Uma quermesse em Semelide, no adro da velha igreja

vago sussurro de gente que cantava, dançava, ria e se entregava à folia. E, em breve, foguetes sucessivos se desfazem em matizadas lágrimas que, como flores, vagarosamente iam caindo, luminosas, ígneas, no iluminado espaço. A um foguetão mais forte e que levou à igreja, através dos vidros das janelas e das frinchas das portas, uma demorada claridade S. Sebastião fitou Jesus; e, porque lhe visse no rosto uma triste expressão de melancolia, segredou-lhe baixinho:

— Jesus, meu bom Jesus, tu sofres... Jesus serenamente ouviu, e nada respondeu. Mas S. Sebastião continua:

— Como vês, é ainda o prazer material aquele que mais domina e mais atrai o homem. Compara a ruidosa alegria, com que êles se expandem, com aquele

silencioso despreso, a que ontem nos voltaram. E se muitos ontem se revoltaram, com uma exagerada alteração na alma, não foi pela falta da procissão, com que devias ser honrado, mas porque se lhes retardou o góso dos sentidos e pelo qual, êles, tão sofredamente esperavam. E, no entanto, por êles, desprezaste tu, estóico, todos os prazeres do mundo, e assim foste percorrendo o teu caminho luminoso, cheio de espinhos, e unicamente guiado pelo teu ideal de redenção, de concórdia, de amor e caridade.

Jesus ouviu, ouviu, serenamente, e nada respondeu. Mas S. Sebastião insiste:

— Mas que todo o mal consistisse no góso que dá a dança, a música e todos os lindos e caprichosos efeitos do som, do movimento e da luz. Pode, é certo, tudo isto, uma vez por outra, dar origem ao pecado; mas, mil vezes pior é a grande onda de crime que corre, devastadora, por toda a humanidade. Glorifica-se a guerra, tem-se fastio pela honra e como que se santifica o egoísmo. É certo que a civilização avança, progressivamente, mas



A escola primária oficial da povoação de Semelide

também é certo que quanto mais ela se manifesta, ruidosa e desejada, mais o coração se cerra àquela doce fraternidade, pela qual tu morreste, numa tarde tormentosa, no tópo do Calvário.

Jesus ouviu, ouviu, serenamente, e nada respondeu. Mas S. Sebastião insiste:

— E' verdade, meu bom Jesus, que não houve consideração para conosco, pois se deu mais importância aos folguedos do que a ti e a mim, que fomos abandonados. Mas que é isso comparado com pecados mais graves e que se occultam, como viboras, na vil alma de muitos. O pecado, mais leve ou mais pesado, campeia, desenfreado, por toda a parte do mundo. Quando se peca com a política e a que infinidade de crimes não dá logar a política!... E ah! Jesus, meu

bom Jesus, que muito se peca, também, dentro da própria igreja!... Vê tu aqueles que hipocritamente ajoelham, os gestos fingindo uma sincera devoção, diante de nós e dos outros santos. À porta da igreja deviam ficar todas as paixões más, todas as intenções ruins; e, no entanto, muitos a procuram por interesse, com egoísmo, afim de pedirem coisas materiais, terrenos, para satisfação de ambições, de caprichos e que, a serem concedidas, redundariam em injustiças e até em desgraça para muitos. E outros há, também, a quem não repugna fazer dela centro de reunião, para exhibição do seu luxo, do seu ouro, da sua riqueza, expandindo assim a sua vaidade, pela inveja que fazem despertar naqueles que são mais pobres ou que nada têm. E, como sabes, meu bom Jesus, a inveja provoca o ódio e o ódio provoca o crime. E, depois, nos dias de festa, é ver como o espírito se concentra mais na pompa da função na harmonia da música, na afinação dos coros, e no lindo colorido das imagens, das fitas e das flores, do que na bondade que pregaste, na fraternidade que aconselhaste e no ideal sublime de amor entre os homens, e pelo qual tão resignadamente morreste!...

Terminou S. Sebastião a fala. E Jesus ouviu, ouviu tudo, serenamente, e nada respondeu.

Acabou o arraial, alta noite, quando já o límpido olhar das estrelas no alto céu se extinguiu. Mas, declarado o dia, nuvens negras sobem, lá ao longe, para os lados do Caramulo. E, em breve, todo o vasto céu se tolda. A Serra da Estrêla, mais próxima, sempre tão serena e que parece beijar o firmamento, sob a tempestade que se aproxima, havia desaparecido da vista. E, na verdade, não tardou que a implacável tempestade se desencadeasse. Chovia ruidosamente, fiskeava, e já se ouvia, ao longe, o arrastado bramir das nuvens. E assim se conservou o tempo, chuvoso, ameaçador e triste, até ao fim da semana, como que correspondendo à imensa mágoa que tanto entristecia a alma de Jesus. É que ele bem sabia que a flôr-do-mal con-

tinuava a desabrochar, pujante, cada vez com mais viço, por todos os canteiros do mundo. E ah! como o amarguravam as funestas causas de tanto mal, que crescia avassaladoramente e parecia não ter fim! Tanta miséria, tanto desgraçado, tanta criança com fome, tanto velho sem conforto!

As crianças sem pão, a velhice sem asilo, os róbros, os miseráveis! Ah! como êle os cobria a todos, carinhosamente, com o seu divino manto de dó e compaixão!... E assim se conservou triste, numa desoluição profunda, a alma de Jesus. E até que chegou o domingo que se seguiu àquele em que Jesus foi deixado, ao abandono, na triste solidão da igreja. E, naquela manhã escura, a tempestade redobrou de furia. Acompanhando a chuva



Uma característica procissão em Semelide, em dia de romaria

cerrada, continua, grandes trovões, sucessivos, põem uma intensa vibração no ar, atordôam os ouvidos e como que mostram a sua clamorosa aprovação de que os raios, que as nuvens despejavam, arrasassem o mundo e todas as misérias do mundo. E, então, algumas pessoas pensam: "Ha oito dias que Jesus se acha no seu andor, por nós abandonado e à nossa espera, lá em cima, na igreja. Quem sabe... talvez seja castigo dêle..." Toca, no entanto à missa. Entram, pouco a pouco, os fieis. E, quando todos se achavam reunidos, ali, diante dêle, o seu rosto reanima-se e parece exprimir alegria. E' que aqueles fieis, mínima parcela da humanidade, bons ou maus, justos ou pecadores, tinham os mais uma vez ali, junto de si, e portanto mais próximos do seu coração, da sua graça e da sua infinita bondade. Ao mesmo tempo, lá fóra, como que harmonizando-se com o generoso sentimento de Jesus, o tempo abrandára. Já se não ouve o rouco clamor dos trovões nem o intento fisear dos relâmpagos.

E a missa começa, lenta, litúrgicamente lenta. Uma amena claridade, cada vez mais viva, vai enchendo suavemente a igreja.

E quando o sacristão faz vibrar a campainha, anunciando o momento solene da elevação da Hóstia, alguns raios de sol entram, esclarecem mais vivamente a igreja e vão incidir luminosos, na linda imagem de Cristo. Iluminado por esta vibrante luz, e que anunciava na igreja o fim da tempestade, o rosto de Jesus parece então sorrir, ao mesmo tempo que o seu olhar piedosamente cai, com uma deliciosa ternura, naqueles fieis submissos, tão próximos do seu coração e que ali se achavam prostrados. É que êle, o propagandista do bem, por toda a Galileia, e que pelo bem se deixara sacrificar no Golgotha, esquecia os agravos e mais vez perdoava.



A imagem da Senhora do Cabo

QUEM no dia 17 do mês findo foi a Sintra, por devoção ou curiosidade de espírito, assistir à passagem do círio da Senhora do Cabo, teve ocasião de admirar nos seus aspectos pitorescos e coloridos uma das mais curiosas tradições do nosso povo.

O círio da Senhora do Cabo é anacrónico, dizem-nos, está em desacôrdo com a nossa época positivista. É possível. Mas tal como é, tem todo o encanto das coisas populares e é uma saborosa revivescência do passado místico da nossa terra.

A certificar a sua origem nitidamente popular tem esse carácter misto de paganismo e religiosidade que se traduz por um cerimonial ingénúo e diversões ruidosas.

Como todos os motivos de fé religiosa do povo, este da Senhora do Monte tem sua remota origem numa lenda simples e poética que remonta a meados do século XIV.

Diz-se que nessa época distante a tripulação dum navio naufragado lutava certo dia desesperadamente contra as fúrias trágicas do Oceano quando pairando sobre as vagas lhe apareceu a imagem da Senhora do Cabo, com uma luzinha resplandecendo sobre a sua cabeça virginal, que os guiou a porto de salvamento, no sítio da Pedra da Mua, perto do

cabo de Espichel. A notícia do milagre correu célere na boca dos heróicos e humildes pescadores. E sobre a rocha, no próprio local onde os marinheiros puseram pé em terra, construiu-se uma capelinha rústica e singela onde a imagem da Senhora do Cabo foi venerada largos anos.

Tem pouco mais dum palmo de altura esta imagem da Senhora do Cabo, cujas feições devastadas pelo tempo exprimem essa serenidade ingénua que os santeiros medievais impunham às suas obras.

Muito mais tarde, no reinado de D. Pedro II, foi construída perto do mesmo local, em face ao Oceano, a actual igreja de Santa Maria da Pedra da Mua e para lá se transferiu a imagem.

Nascera, entretanto, por vontade soberana do povo, a tradição de andar a imagem de terra em terra, cabendo a vez em cada ano a um dos vinte e quatro templos situados nos arredores. Dêste modo, a imagem era exposta na mesma igreja com intervalos de vinte e cinco anos e a sua transferência era pretexto para a organização do habitual círio a que se seguiam festejos populares.

Interrompera-se a piedosa tradição após a implantação da República. No período confuso dos primeiros tempos do actual regime, a imagem poética e ingénua foi vítima de profanações no momento em que se encontrava em Alcabideche. Tomou-a a seu cargo a duquesa de Palmela que a mandou restaurar e a fez transferir para Cascais onde ficou exposta à veneração dos fieis.

Um padre, que nos dizem descendente de pescadores, o actual prior de Fanhões, rev.º Luiz de Sousa, tomou então a peito fazer reviver o velho e pitoresco círio. Conseguiu-o. Em 1926, a imagem voltou a ser processionalmente transferida, desta vez de Cascais para Odivelas.

Este ano a imagem veio da igreja



Os três charameleiros que precediam o círio

UMA TRADIÇÃO O círio de Nossa realizou-se com todo de Belas

de Nossa Senhora da Misericórdia de Belas e com todo o cerimonial deu entrada no pequeno templo de S. Miguel e Santa Maria, em Sintra.

A velhíssima igreja sintrense, cuja construção, a fazer fé pelas asserções de alguns cronistas, remonta à época



O círio passando junto da estação dos caminhos de ferro de Sintra

de D. Afonso Henriques, acolheu no seu recinto piedoso a pequenina imagem da Virgem.

O círio teve a pompa tradicional, tão cheia de característico e pitoresco. Abria com um grupo de três charameleiros, logo seguidos por centuriões de poucos anos, cheios de gravidade dentro dos seus trajos vistosos e montados em cavalos que alguns lacaios trajando a preceito conduziam a passo.

Após estes vinha o "juiz da festa" de Sintra, o sr. Armindo Marrazes, figura popular e estimada entre o povo da sua terra. Vestia casaca e chapéu alto, a que o calção e a bota de montar davam aspecto imprevisito. Acompanhavam-no os secretários, srs. Francisco Neves e Artur Baeta.

Num automóvel seguia o mor-

QUE SE MANTÉM

Senhora do Cabo o pitoresco e pompa a Sintra

domo do círio, sr. dr. Miranda de Vasconcelos. Conduzia na mão a insignia do seu cargo que consiste numa vara de prata.

Vinha então a imagem, conduzida na artística berlinda decorada a ouro e vermelho que pertenceu ao marquês



A procissão a caminho da igreja de S. Miguel e Santa Maria

de Valadas. Criados de sela, criados de tábuca e palafraneiros, trajando a rigor e de cabeleiras empoadas, acompanhava o veículo.

Outra berlinda, a do conde de Faro, por igual faustosa, se seguia a esta, conduzindo mons. Porfirio Quintela, vigário da Vara e mons. Amaro Teixeira de Azevedo, de S. Martinho de Sintra.

Atrás vinha num automóvel o reanimador da piedosa tradição, padre Luiz de Sousa, que era acompanhado por um grupo de crianças.

Um vistoso carro, puxado a duas paréllhas de cavalos brancos, e artisticamente decorado, conduzia os «anjos», grupo irrequieto a que as asas postíças e estrélas de papel na testa não tiravam a garrulice natural da idade.

Seguiam-se os festeiros em longas filas de velhas tipoias e modernos automóveis, e após estes o povo, em multidão densa que enchia toda a largura da estrada.

Sintra acolheu o pitoresco círio com curiosidade e interesse. O povo humilde, em especial, dedicou-lhe uma recepção carinhosa. E no começo da noite, no velhíssimo tempo de Santa Maria e S. Miguel rezou-se um solemne «Te-Deum». Após o que o povo se entregou aos folguédos próprios do círio, quasi os mesmos que já três seculos faziam as delicias do povo que acorria a participar nele.

Durante os dize quilómetros do percurso subiu ao ar um sem número de foguetes e morteiros que estralejavam ruidosamente no ar luminoso dessa bela tarde de verão. Os sinos das igrejas repicavam festivamente á passagem do círio, enchendo o espaço de sonoridades piedosas e evocativas. E o povo acorria, ao longo da estrada para vêr passar a imagem da Senhora, lançando-lhe sobre a berlinda braçados de flores singelas.

Tal foi, numa apagada descrição do seu brilho e côr, essa solenidade de tão pitoresco lirismo, em que a graça original dos festejos populares evocava, à maravilha, um passado piedoso.

No dia imediato foi a imagem burguêsmente conduzida num automóvel para a capela da família Pinto Bastos onde se conservou exposta até ao domingo seguinte. E nesse dia voltou a ser festivamente transportada para a igreja de S. Miguel e Santa Maria, encorporada em vistosa procissão.

Esta segunda parte dos festejos realizou-se pelas 17 horas do dia 24, tendo despertado em Sintra o mesmo forte movimento de interesse popular.

Compunha-se desta vez a procissão de vários andores. À frente seguia o de S. Luiz, seguido por seis «anjinhos», cheios de compostura na sua



A entrada da imagem na capela Pinto Bastos



A igreja de S. Miguel e Santa Maria

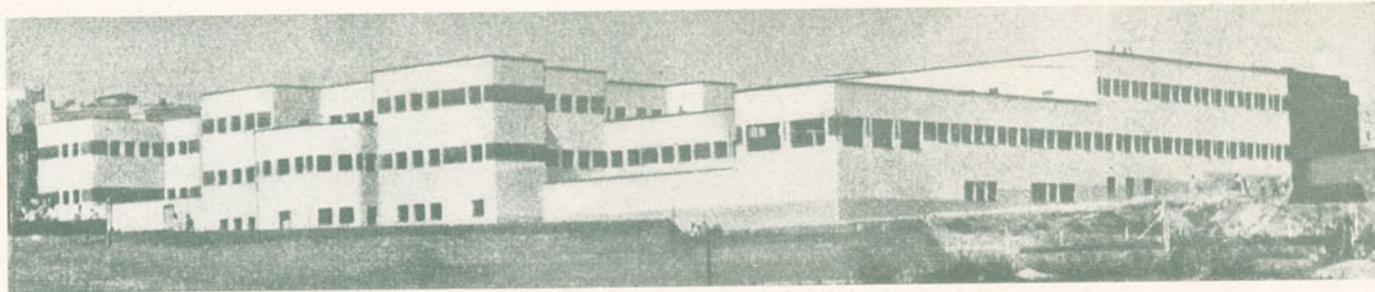
vestimenta brilhante e ingénua. Logo a seguir vinha o andor da Nossa Senhora da Conceição, ladeada por um grupo numeroso de senhoras. E após este, a imagem da Nossa Senhora do Cabo, sob o vistoso dólce especialmente preparado para esse fim.

Uma multidão reverente acompanhou esta procissão até ao lindo templo de S. Miguel e Santa Maria, afastado da vila um bom bocado.

Entre os festeiros, destacava-se José Costa, o decano entre eles, velhote simpático que é pai do Francisco Costa, autor das loas ingénuas, de delicioso sabor popular, compostas em louvor da Senhora do Cabo. O bom velhote não sabia esconder a sua emoção por ver reviver com toda a sua tradicional pompa e a custo dissimulava o seu natural orgulho de pai ao ver como era apreciado o trabalho poético, de recorte tão popular, do seu Francisco.

Há, bem o sabemos, quem discorde destas manifestações exteriores do culto. O proprio Patriarcado, só por espirito de transigência ante a vontade popular, as consente entendendo que em nada elas servem a politica da Igreja, condicionada hoje por circunstâncias muito diversas das do passado.

(Fotos Vaissier e Gamba, de Sintra)



Vão-se felizmente modificando em todo o Mundo culto os velhos conceitos da legislação penal. Os antigos sistemas prisionais, visando o «castigo» do delinquente, vão cedendo lugar a outros mais humanos e compreensivos que se propõem «regenerá-lo», recuperando para a sociedade um elemento útil que de outro modo se perderia.

Escola para adultos, eis, portanto, o que deve constituir o objectivo dos cárceres modernos. Quasi todo o delito tem sua origem na ignorância. E para lutar contra a ignorância e a escola e não ao presídio sombrio que se deve recorrer.

Não vem longe, decerto, o dia em que a masmorra será substituída pela prisão moderna, clara e arejada, onde o criminoso encontre a saúde do seu espírito doente em vez da incompreensão e da vingança da sociedade cujas normas ele não respeitou. O velho sistema penal que considera o preso um ser à parte, indigno da piedade humana, não pode por muito tempo resistir ao progresso dos modernos conhecimentos de psicologia e criminologia.

Na cadeia moderna, a sociedade não responde ao crime com um castigo violento, inexorável que, esmagando o espírito do delinquente, só pode contribuir para aniquilar nêle toda a possibilidade de regeneração. Mostra-lhe, pelo contrário, a perspectiva duma vida melhor, persuadindo-o de que lhe será possível recomeçar a existência em condições úteis e morais.

O castigo reveste, dêste modo, um aspecto psicológico, procurando apenas suscitar no preso um choque moral e despertar-lhe a consciência a fim de que se realize a sua cura definitiva. Tudo isto, respeitando os seus direitos de ser humano, dando-lhe luz, espaço e serenidade.

Dentro dêste espírito elevado se construiu em Espanha um nova prisão de Mulheres, cuja inauguração solene se fez há dias. Porque o exemplo que ela oferece é, sem dúvida, bom aqui o trazemos ao conhecimento dos nossos leitores.

Deve-se a realização da nova cadeia à ilustre advogada espanhola Victoria Kent. Com o advento da Republica, Victoria Kent foi nomeada directora geral das Prisões, cargo que ocupou durante um ano. Não foi pequena a luta que durante esse espaço de tempo sustentou no sentido de modificar velhos preconceitos, luta agravada ainda pelo facto de ser a primeira mulher a exercer tão alto cargo.

Mas a sua actividade produziu admiráveis frutos. Entre muitas outras disposições legais animadas dum largo espírito de generosidade, Victoria Kent obteve a aprovação duma lei segundo a qual todo o condenado que tenha atingido 70 anos de idade será posto em liberdade condicional seja qual for a sua situação processual.

Mas a obra que melhor ficou assinalando a sua passagem pela direcção geral das Prisões é a nova cadeia de mulheres a que atrás nos referimos.

UMA PRISÃO MODELAR

VICTORIA KENT

e o novo cárcere de mulheres em Madrid

Este novo cárcere acha-se situado na calle Nueva del Este, numa situação desafogada. O conjunto oferece o aspecto duma vivenda. Não há, ao entrar, a menor impressão de se penetrar numa cadeia. Tudo foi habilmente disposto para atenuar a clássica aparência desses asilos do crime. Grades e postigos encontram-se dissimulados, sem prejudicar a segurança indispensável.

O edificio tem capacidade para 450 reclusas. Uma das alas está reservada a instalações da Administração, residência do director e do administrador e aquartelamento dos guardas. Há um pavilhão destinado a residência do pessoal e outro a economato.

No edificio da cadeia, acham-se vastos refeitórios, espaçosas salas de trabalho e leitura. A cozinha é vastíssima, dotada dos mais modernos aperfeiçoamentos e inundada de luz. Em toda a parte se encontra luz eléctrica e água corrente.

Espalhadas pelo edificio há 45 casas de banho, 110 lavatórios e 125 retretes. Uma excelente lavanderia assegura a lavagem e desinfecção das roupas para o que está dotada de modernas estufas.

Houve o cuidado de evitar o dormitório em comum, mas procurou-se, ao mesmo tempo, impedir o isolamento das reclusas. Os leitos estão, para esse fim, separados por tabiques que a partir de certa altura são prolongados por uma rede metálica, o que permite às presas conver-

sarem entre si. Não há células de castigo. Os antigos «segredos», por deshumanos e contraproducentes, não têm lugar dentro duma prisão moderna. O que há são células de isolamento para as presas rebeldes, sem outro castigo do que viverem afastadas das companheiras.

A prática demonstra que este género de punição é sempre suficiente.

Este edificio grandioso custou ao Estado a soma de quatro milhões de pesetas. A sua construção iniciou-se em Dezembro de 1931, data em que Albornoz, ao tempo ministro da Justiça, lançou a primeira pedra.

Nessa época, Victoria Kent encontrou no orçamento do Estado uma quantia irrisória para o fim que tinha em vista e constituía o grande sonho da sua vida — apenas vinte e duas mil pesetas.

Animada, porém, duma fé extraordinária, conseguiu obter do Governo espanhol os créditos precisos para que o sonho se transformasse numa util e bela realidade.

Fala-se agora em homenagear o esforço admirável da grande advogada, perpetuando o seu nome no edificio de que tão amorosamente cuidou. E para que, nem mesmo nesse nome, a velha ideia de cárcere ou prisão subsista, pensa-se em designar a nova cadeia por «Casa de Victoria Kent».

Entendemos que a criação em Portugal de prisões modernas, a que este novo cárcere madrilenho poderia servir de modelo, se impõe como uma urgente medida de largo alcance social.

De facto, se há muito tempo que o actual sistema prisional português deixou de corresponder aos ensinamentos da ciência, há muito mais ainda que ele está em desacordo com o espírito generoso e indulgente do nosso povo.

Por estas duas razões ambas por igual modo poderosas, os serviços prisionais portugueses carecem duma reforma urgente. Há que substituir a enxóvia pela sala de reclusão espaçosa e arejada, onde o corpo seja prisioneiro mas o espírito encontre liberdade para meditar e para se arrepender do crime, sem ódio torvo à sociedade justiceira. Só assim será possível recuperar almas transviadas, inculcar-lhes o amor do trabalho e duma vida sã e moral. Doutra modo cada delinquente será um revoltado. E a sociedade responderá ao seu delito com outro delito, contestando ao criminoso o mais elementar confronto, a mais primitiva higiene.

É essa também a maneira de acabar com a aterrorante mortalidade pela tuberculose nas prisões portuguesas, tristíssimo facto que nos relega para um plano ínfimo entre as nações civilizadas.

Custará caro, sem dúvida, a realização dum vasto plano de reformas. Mas o dinheiro despendido será largamente recuperado pela sociedade portuguesa que receberá em troca, das modernas cadeias, criminosos arrependidos prontos a recomeçar a existência sobre bases melhores. Deixar-se-á, dêste modo, de inutilizar sistematicamente os que se desviaram do caminho do bem.



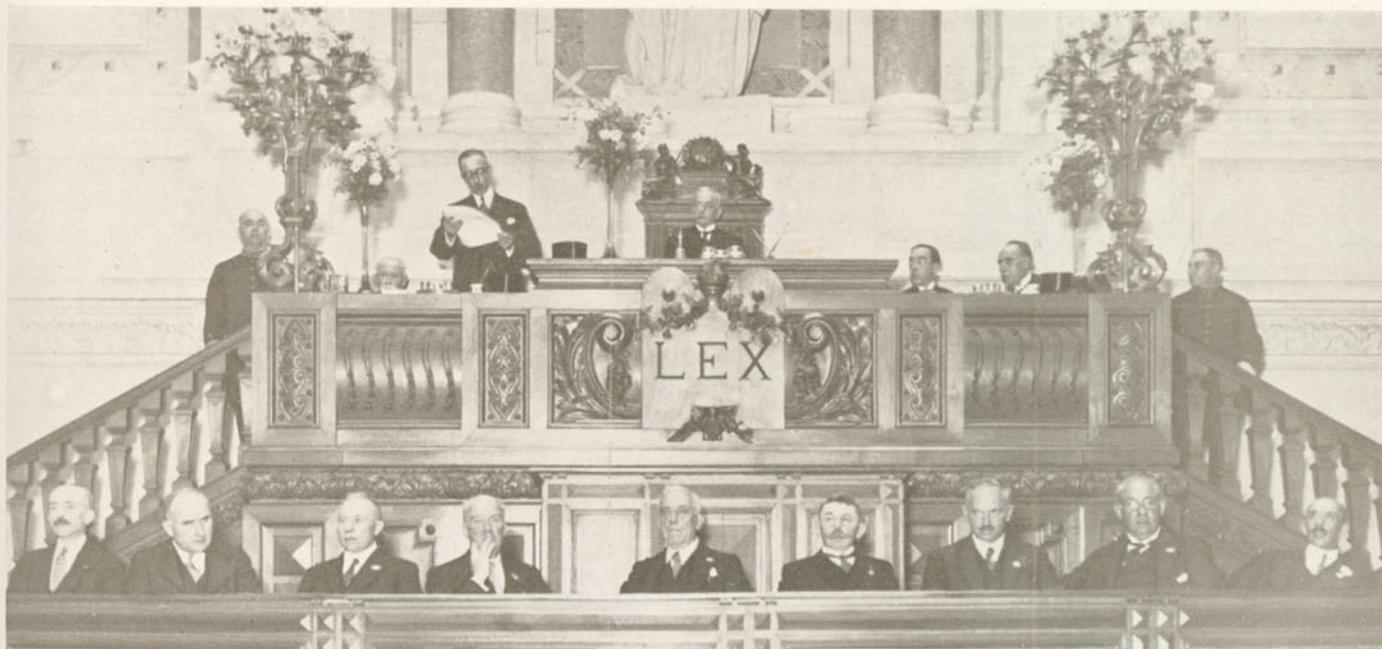
EM CIMA: Um aspecto do belo edificio em que se encontra instalada a nova Prisão de Mulheres, em Madrid
EM BAIXO: Victoria Kent a animadora dessa admirável obra social

Congresso Internacional DE GEODESIA E GEOFISICA



Aspecto da sala da Câmara dos Deputados, durante a sessão inaugural do Congresso Internacional de Geodesia e Geofísica

REUNIU em Lisboa o V Congresso da União Internacional de Geodesia e Geofísica, onde estão representados 30 países. Assistiram e éle algumas das mais eminentes figuras da ciência. A sessão inaugural realizou-se na sala da Câmara dos Deputados e foi presidida pelo Chefe do Estado. Falou em primeiro logar o sr. dr. Sousa Pinto, ministro da instrução, que fez um breve discurso, saudando os congressistas em nome do govêrno. Historiou, em rapidas palavras o progresso da ciência e desejou um completo exito aos trabalhos que se iam iniciar. Depois o sr. tenente-coronel Linhares de Lima, presidente do Municipio, em francês, deu, em nome da cidade, as boas-vindas aos congressistas. Usou da palavra a seguir, o sr. dr. Costa Lobo, em nome da Secção Portuguesa e por ultimo, falou o professor sr. dr. Charles Lallemand, presidente da União Internacional de Geodesia, que pronunciou um curioso discurso, parte do qual em português, o que causou surpresa.



O Chefe de Estado presidiu à inauguração dos trabalhos, tendo o ministro da instrução saudado os congressistas em nome do govêrno português.



No Casino Estoril efectuou-se um banquete oferecido aos congressistas pela Secção Portuguesa do Congresso, a que assistiram cerca de quatrocentas pessoas

No dia 16 de setembro passaram em Lisboa, a bordo do «Vulcania», os restos mortais do glorioso aviador marquês De Pinedo — uma das maiores figuras da aviação italiana. A catástrofe que o vitimou ainda está na memória de todos. Ao pretender levantar vô para bater o «record» mundial de distância — «record» nas mãos de Codos e Rossi — no aerodromo de Floyd Bennett, o avião, depois de dar duas voltas à pista chocou com uma das barreiras de vedação do campo e incendiou-se imediatamente, sem ter dado tempo a que De Pinedo saísse da carlinga. Havia já meses que o grande piloto se encontrava em Nova York organizando os planos e estudando conscienciosamente o «raid», ajudado pelo filho de Gabriel D'Annunzio, que naquela cidade se encontra estudando engenharia.

O avião em que De Pinedo tencionava bater o «record» de distância em linha recta, encontrava-se equipado com todos os melhoramentos modernos da aviação. O aparelho também estava munido de um instrumento mecânico

As cinzas do marquês De Pinedo passaram no Tejo

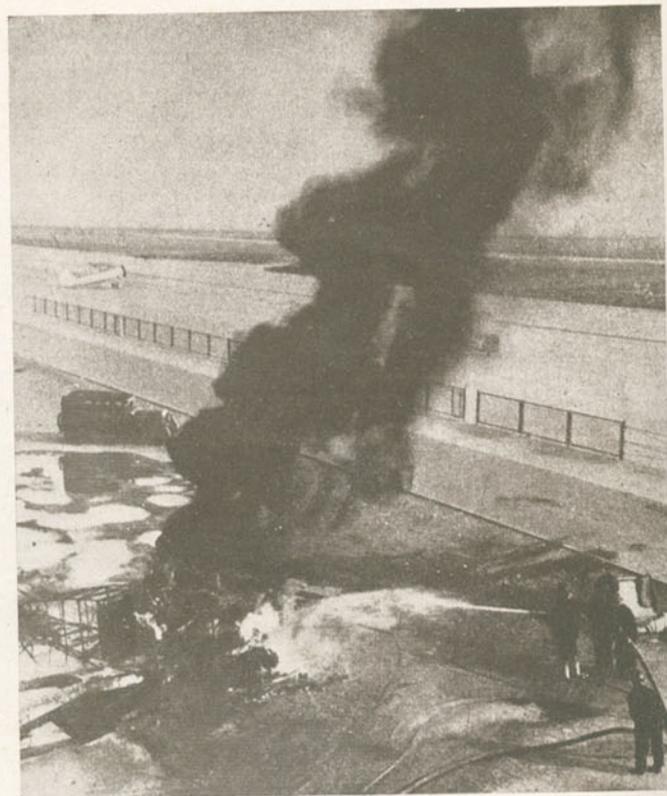
muito semelhante ao utilizado pelo aviador americano Willian Post, que lhe permitiu realizar a volta ao mundo, em sete dias. Este mecanismo faria tocar uma campainha toda a vez que o avião fizesse um movimento estranho, e era munido dum instrumento que lançava água à

cara do piloto toda a vez que este adormecesse.

Durante a estada em Lisboa do «Vulcania», o ministro da Itália, acompanhado pelo pessoal da legação esteve a bordo depondo uma corôa sobre o feretro. Outras entidades e muitos oficiais aviadores portugueses ali estiveram. Uma das primeiras pessoas a entrar no «Vulcania» foi o tenente Tenreiro, representante do sr. ministro da marinha. Da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, compareceram, fazendo um turno junto aos restos do herói, os

srs. tenente-coronel Potier de Lima, capitão Almeida, tenente Costa e Júlio Ferreira, os três primeiros da direcção central. Sobre o feretro via-se uma grande bandeira italiana. Ao fundo, na cabeceira da urna, uma grande corôa, oferecida pelo Duce. E aos pés, outra, do ministério italiano da Aeronautica.

Impossível discriminar os montões de corôas que se encontravam dum lado e doutro do feretro — que, desde Nova York a Napoles, veio sempre velado por tripulantes do «Vulcania». Entre elas, via-se uma oferecida por Gabriel D'Annunzio.



Em cima: A câmara ardente a bordo do «Vulcânica», na ocasião em que alguns «camisas negras» do «Fascio» de Lisboa, fazem um turno. A' esquerda: o último retrato do marquês De Pinedo tirado, momentos antes da largada para o vôo atlântico, na ocasião em que o infortunado aviador assinava um album de autógrafos — Foi o seu último retrato e a sua última assinatura. A' direita: Instantes depois de se dar a catástrofe, os bombeiros atacaram o avião incendiado. Através do fumo, vê-se o esqueleto metálico do avião

As festas de verão na Costa do Sol



No Casino do Estoril os artistas Viana da Mota — o eminente pianista — Paulo Manso e Fernando Costa, deram três concertos onde executaram os famosos e difíceis trios de Beethoven



No parque do Estoril, realizou-se no domingo 16 de setembro, uma «Gincana Automobilista» sob o patrocínio do Automovel Club de Portugal e com realização do actor Erico Braga



No Tamariz houve na tarde de 21 do mês passado, uma animada Gincana Infantil de caridade, organizada por uma comissão de crianças pertencentes à nossa primeira sociedade. O produto destinou-se a Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio e dos Preventorios. A gravura que publicamos mostra-nos o grupo de concorrentes ao «Concurso de Sombri-nhas». Houve também corridas de sacos, de bicicletas, três pernas, saltos em altura e outro animado «Concurso de Bichos Mascavados». Este certamen levou ao Estoril grande número de pessoas e constituiu para a pequenada, uma festa alegre e divertida, principalmente quando se efectuou a luta de tracção entre quatro grupos de crianças, luta em que o publico riu, a bom rir, devido às peripécias que houve. Em todas as corridas a assistência dispensou às crianças grandes aplausos. Foi uma tarde animada



A vencedora da «Taça A. C. P.» — mademoiselle Rosália Goizmeta (ao volante) — e a sua companheira — mademoiselle Assis — numa das fases mais interessantes da «Gincana Automobilista». A esta festa assistiram os membros do Congresso Internacional de Geodésia e Geofísica, que não regatearam aplausos durante as provas mais difíceis do percurso



No Casino do Estoril, na noite de 21 de setembro, efectuou-se a distribuição de prémios aos vencedores e vencedoras das provas da «Gincana Automobilista» disputada no dia 17 último

Escultura feminina



Na «Verbena» a favor do Montepio do Sindicato de Actores madri-leños, realizada na Praça de Touros da capital espanhola fez-se um curioso concurso de escultura feminina. Os três primeiros premios foram ganhos pelas senhoras que se vêem na gravura.
Realmente são verdadeiras esculturas...

Casamento de orianças...



Em Catillon (França) realizou-se, ha dias, o casamento de Adrienne, Delamarre, de 12 anos, com Henri Pinteaux, de 17. Para se celebrar esse acto foi necessaria uma autorisação do Presidente da Republica.

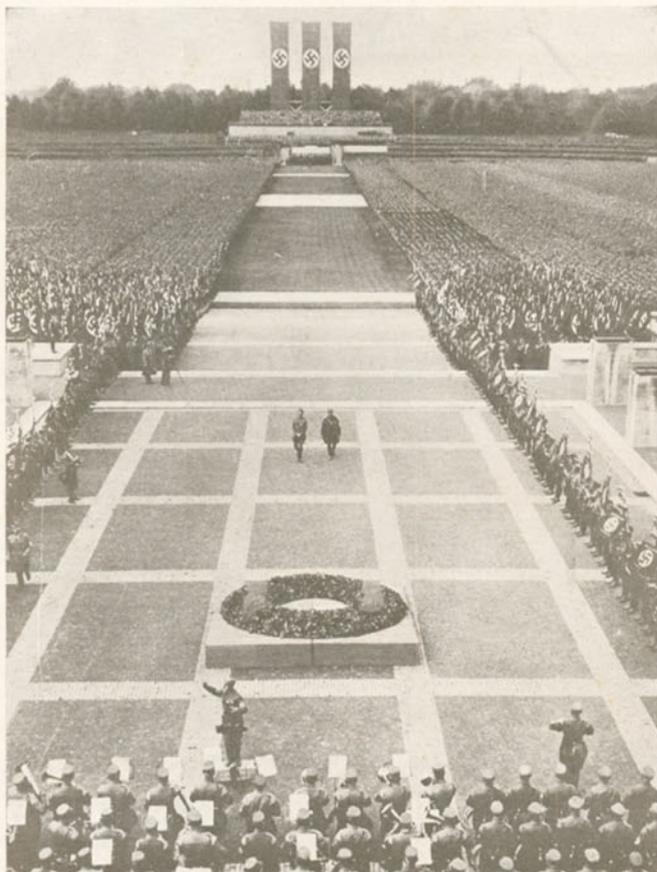
O perigo aéreo



Em quasi todas as capitais e cidades da Alemanha tem havido exercicios — para homens, mulheres, crianças e cães e cavalos — de mascaras de gaz. Agora em Berlim circula, de vez em quando, pelas ruas, uma moto, levando um torpeda, para lembrar aos habitantes o perigo dum bombardeamento aéreo. Quando se fará em Portugal o mesmo? De há muito que devia haver, para a população civil, cursos de explicações do uso das máscaras contra o gaz. É tempo de pensar nessas coisas...

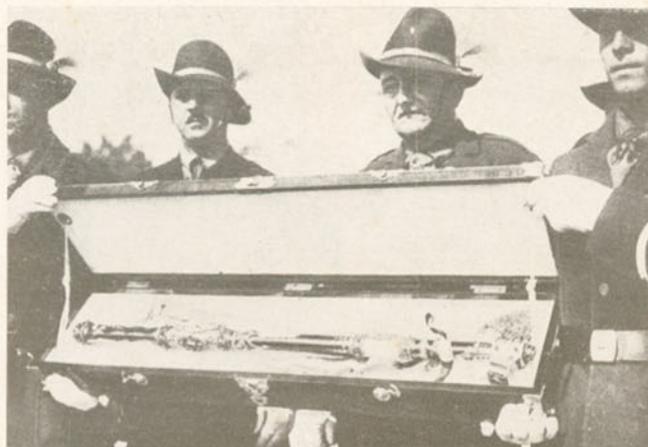
PELO MUNDO FÓRA

Uma formidável manifestação racista



UMA das principais cerimónias do Grande Congresso Hitleriano, há pouco realizado na cidade de Nuremberg, foi a parada de forças dos Nazis. Na praça Luitpoldhaim juntaram-se imponentemente — como se vê na gravura — algumas dezenas de milhares de nazis. O chanceler Hitler passou em revista os estandartes racistas. Ao centro vê-se o monumento consagrado aos Mortos da Guerra.
As festas prolongaram-se por alguns dias, tendo a cidade sido designada por Hitler para sede de todos os futuros congressos do Partido racista.

A Húngria e Mussolini



QUINHENTOS alunos da Escola Militar da Húngria estiveram em Roma, em viagem de estudo. Foram recebidos por Mussolini a quem ofereceram uma riquíssima espada de honra, cravejada de brilhantes. O presidente do governo italiano agradeceu a oferta, fazendo um discurso patriótico, e depois passou em revista os alunos, que formaram numa das principais praças de Roma.

Um «record» de pesca



A pesca é um dos desportos mais desenvolvidos em Inglaterra onde conta numerosos cultores entre a classe aristocratica. A gravura representa Lady Bronghton com dois peixes de peso superior a 200 quilos cada, que sucumbiram ao seu anzol.

Acrobacia em motos



NUMA festa militar realizada em Cassel, na Alemanha, os soldados de infantaria realizaram proezas de acrobacia, empoleirados numa armação presa a motos. Quando estas iam a grande velocidade fizeram as mais fantasticas piroetas, o que deliciou a assistência que, por completo, enchia o campo militar.

A graça alheia



— 150 FRANCOS UM CHAPÉU? SERIA PRECISO QUE PERDESSE A CAREÇA PARA O COMPRAR...

Mergulhos acrobaticos



Na piscina de San Francisco, na California, exhibiram-se num festival realizado recentemente duas crianças em saltos acrobaticos que prenderam a atenção dos assistentes. São elles: Dichard Rimmore, de 9 anos e Hilda Hayes, de 7. Os seus mergulhos combinados e isolados mereceram os aplausos unanimes dos trinta mil espectadores.

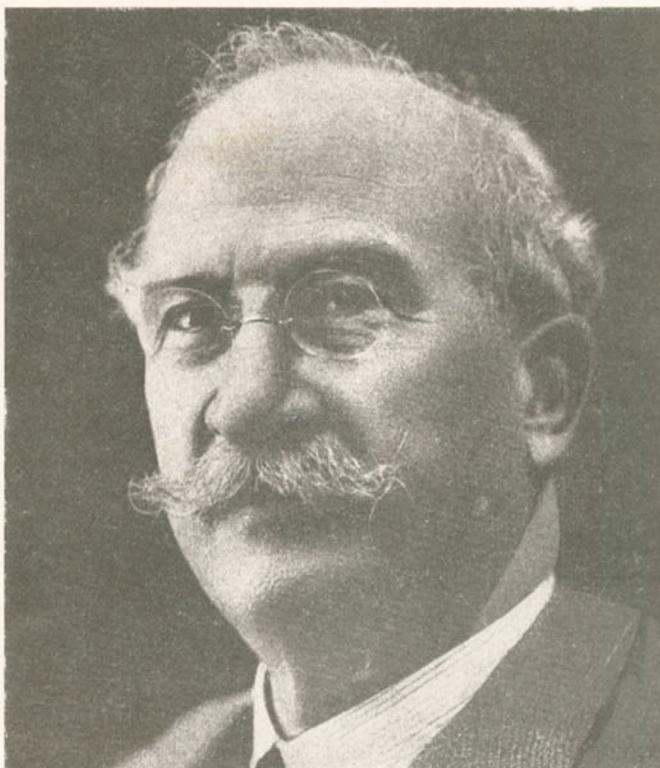
A graça alheia



— ESTOU A ESCONDER OS CIGARROS POR CAUSA DA MAMÃ...
 — TENS MEDO QUE ELA TE BATA?
 — NÃO. TENHO MEDO QUE ELA MÓS FUME.

PELO MUNDO FÓRA

O novo govêrno da República Espanhola



Em virtude das dificuldades levantadas pelas oposições parlamentares, o sr. Azaña apresentou o seu pedido de demissão ao sr. Alcalá Zamora, presidente da República Espanhola. Para o substituir, foi nomeado o sr. Alexandro Lerroux, chefe do partido radical e político de prestígio. Damos abaixo os retratos dos novos ministros e a sua filiação partidária.

Cecile Sorel no Casino



A grande actriz parisiense Cécile Sorel, mais conhecida nos meios teatrais por «Célimène», deixou definitivamente a «Comédie» e vai trabalhar para o «Casino», onde interpretará dentro duma revista — quadros historicos para tal fim escriptos expressamente.

Campeão mundial de espada



ENCONTRA-SE em Londres o indio M. V. Nanivdekar, grande esgrimista e considerado hoje o campeão mundial de espada. Tem battido todos os grandes atiradores, sem nunca ter sido «tocado».



DOMINGOS BARNÉS
(radical)
Instrução pública

RICARDO SAMFER IBAÑEZ
(radical)
Trabalho

MIGUEL SANTALÓ PARVORELLI
(Esquerda)
Comunicações

RAFAEL GUERRA DEL RIO
(radical)
Obras Públicas

RAMON FECCED GRESA
(radical socialista)
Agricultura

LAUREANO GOMEZ PARATCHA
(Orga)
Indústria e Comércio



CLAUDIO SANCHEZ ALBORNOZ
(acção republicana)
Negócios Estrangeiros

JUAN JOSÉ ROCHA
(radical)
Guerra

JUAN BOTELHA ASCENDI
(radical socialista)
Justiça

ANTONIO LARA Y ZARATE
(radical)
Fazenda

DIEGO MARTINEZ BARRIOS
(radical)
Interior

VICENTE IRANZO ENGUITA
(independente)
Marinha

DE todas as modalidades do amor, é o amor maternal a mais forte! Quando se trata de sacrifício, são sempre as mãis que batem o "record" da prova. O esposo pode querer muito á sua mulher, o apaixonado á sua escolhida, a irmã ao irmão, o filho ao pai; mas essa afeição não suporta os duros transe com o heroísmo com que a mulher combate pelo fruto das suas entranhas. E o mesmo espirito de abnegação e de sacrifício póde aplicar-se á fêmea na generalidade.

Li algures duas historias verdadeiras que mostram como é sublime o amor pelos filhos, nos animais inferiores, ambas passadas com aves, o que é mais edificante, porque as temos como seres de pouco juízo, a ponto de chamarmos, "cabeças de passaro," a alguém de animo leve.

A primeira historia trata de dois pintasilgos que tinham o seu ninho na arvore dum jardim. Ao desencadear-se uma enorme tempestade, a fêmea correu para o ninho e aninhou-se sôbre os pequenitos ainda nusinhos de penas. Começou caíndo uma chuva de pedra que atravessou a folhagem. Quando o mau tempo passou o dono do jardim, que é quem conta o facto, admirou-se de não, vêr sair a avesinha da arvore, e auxiliando-se duma escada foi espreitar o ninho. Os passaritos piavam contentes, mas a mãe estava morta, ferida por um granizo.

Doutra vez declarou-se fogo numa casa em cujo telhado havia o ninho duma cegonha, com os filhos de poucos dias de saídos do ovo. A cegonha que andava por alí perto viu o perigo e correu a salvar a sua ninhada. Queria puxa-los para fóra com o bico mas não teve força bastante e limitou-se a cobri-los com as suas azas e lá morreu com êles.

Por isto, pela elevada idéa que temos do amor maternal, e que toda a criação constantemente testemunha com a maior eloquência, é que nos admira a atitude da mãe de Violette Nozières, a tresloucada rapariga que matou o pai.

Nem vendo rojar-se a seus pés a filha, arrependida da sua loucura, essa mulher se comoveu, e lhe abriu os braços, consolando assim aquela alma já dilacerada pelo remôrso.

A cêna era no seu todo emocionante, mas o que mais impressionou os assistentes foi a rigidez daquela mãe, que nesse momento não soube sê-lo. Não há mãe que fique indiferente ás lagrimas dum filho.

Reconhecemos que o acto da rapariga é abominavel, mas a mãe tinha obrigação de abrir-lhe os braços e enxugar-lhe as lagrimas que eram como que a redenção da sua falta.

O maior amor

Depois, essa mulher tinha ainda outras coisas a considerar:

Não seria culpa sua o caminho que a filha levava?

Teria sido a educação que lhe deu escudo bastante forte, para a proteger



VIOLETTE NOZIÈRES
a parricida parisiense

contra as investidas da maldade e dos maus exemplos?

As mãis são muitas vezes brandas de mais, sem fôrça para opôr resistência aos caprichos dos filhos. Às occultas do marido concedem-lhes a meudo liberdades que mais tarde dão frutos destes.

Violette com certeza que saía sosinha e se divertia, com licença da mãe, embora esta não soubesse a natureza desses divertimentos.

Senhora da sua vontade, a rapariga começou frequentando meios pouco honestos, habituou-se a uma vida sem peias, e quando naturalmente o pai lhe fez sen-

tir a sua autoridade quiz desfazer-se dêle para continuar vivendo como se acostumára com a negligência da mãe.

O crime é horrivel, mas no fundo não é ela a culpada. Os antecedentes falam bem alto, para que cheguemos a esta conclusão.

Lembre-mo-nos de que ter dezoito anos é uma idade ingrata, e de que sômos então um barro macio fácil de moldar, e de que não temos culpa de encontrar no nosso caminho cultores do mal, em vez de modeladores de honestidade e virtude.

Dezoito anos não é uma vida. Nada pode ter-se aprendido nesse espaço de tempo, que afinal se reduz a oito, que possa dár a mais ligeira capacidade para separar o bem do mal.

A tendência quasi geral nessa idade é para a alegria, para a estúrdia. A vontade não existe ainda. Qualquer corrente nos pode levar, seja água cristalina, seja uma enxurrada de lama.

Se não temos quem nos guie e quem nos ponha o freio na nossa inconsiderada gulodice de prazer, estamos á mercê de um acaso.

Foi o que aconteceu a Violette. Podia ter-se-lhe deparado uma boa amiga, ajudada, que a aconselhasse ou um namorado com boas intenções que a fizesse recuar no caminho errado.

Mas não teve essa sorte. E, tudo ao contrário, encontrou companheiras transviadas como ela, como ela vítimas duma excessiva liberdade, e topou com gozadores sem escrúpulos, em vez dum rapaz ponderado que a pretendesse para legítima mulher.

Decerto que nada disto teria acontecido se a habituassem ao respeito e á obediência aos pais.

Não ha rapariga nenhuma que se atreva a sair de casa de noite e recolher a altas horas, se não tiver a complacência da mãe a ajudá-la.

Para evitar-lhe uma tarefa, a mãe de Violette não contava ao marido os desregramentos da filha e deixou-a tomar gosto á vida fácil da rua e das mesas dos cafés, mais ou menos suspeitos.

Uns sopapos do pai, applicados logo no começo dos seus desvarios, não lhe quebriam osso e tinham-lhe endireitado o juizo.

Não! Mã assim não tem direito a amaldiçoar a filha. Esta, sim, quando reconsiderar, é que póde lastimar-se por ter tido tal mãe, que não soube arma-la para a vida.

O amplexo destas duas mulheres podia redimi-las a ambas e criar um novo amor.

Mercedes Blasco.

NO MUNDO DA ARTE

Revelações sôbre um convite dos Sovietes

à célebre e infeliz bailarina Isadora Duncan

QUANDO, em 1921, Lunatcharsky, commissario geral das Belas-Artes do governo dos Soviêtes, convidou a eminente dançarina Isadora Duncan, por intermedio de Krassine, então enviado comercial russo em Inglaterra, para ir ensinar em Moscou e Petrogrado a sua Arte sublime e requintada a um escolhido grupo de mil crianças, a imprensa de todo o mundo, surpreendida, registou o sensacional acontecimento, comentando-o por diversas maneiras e dando, a proposito, varias e minuciosas informações.

Com o fim de apurarmos o que de verdade havia àcerca de tal acontecimento, dirigimo-nos, em Roma, ao *Circolo Russo*, a esse tempo muito bem frequentado e cuja séde, nas proximidades da *Via della Ripeta*, era no espaçoso *studio* que pertencera, no seculo XVIII, ao notável escultor Antonio Canova, autor da celebre estatua de Paolina Bonaparte, que se encontra na famosa *Galeria Borghese* e é considerada obra prima de fama universal.

Aí, em conversa amabilissima com alguns socios categorisados do *Circolo Russo*, obtivemos informações muito interessantes sobre aquele sensacional acontecimento, informações que bem merecem, parece-nos, ser divulgadas pela *Ilustração*.

tecimento, informações que bem merecem, parece-nos, ser divulgadas pela *Ilustração*.

O CONVITE DOS SOVIÉTES

Referiram-nos no *Circolo Russo*, por exemplo, que Isadora Duncan era muito falada na antiga patria dos Csars, pois contava inumeros amigos e admiradores, principalmente entre os revolucionários eslavos que se achavam emigrados em Paris. Todos êles, apaixonados pela sua arte dominadora, não deixavam de a ir ovacionar, com fremitos de verdadeiro entusiasmo, durante os seus sensacionais espectaculos no *Chatelet* e de a visitarem, com assiduidade, no seu principesco e bizarro *studio* de Neuilly.

ELA E OS GRANDES AUTORES

Isadora Duncan comprazia-se em deslumbrar os seus inumeros amigos e admiradores com inimitaveis bailados, sempre cheios de intenso colorido e impecável ritmo, que lhe haviam inspirado as mais celebres composições de Gluch, Mozart, Beethoven, Schubert, Chopin, Wagner, Liszt, Cesar Franch, Tchaikowsky, etc.

Apresentava-se aos circunstantes, por vezes, com o seu corpo maravilhoso ape-



Um dos últimos retratos de Isadora Duncan

nas encoberto com uma tunica ondulante, mal suspensa dos seus ombros de impressionante brancura, magnificos!

Em momentos febrís de sua fecundissima inspiração artistica, Isadora Duncan, irresistivelmente, saltava para o meio do salão e improvisava soberbos bailados, que talvez não lograsse reproduzir, quando um maestro da sua intimidade os executava ao piano, desejoso de ouvir, sobre a sua produção, o auctorizadissimo *veredictum* da *diva*!

Um dia — conta-se — que Mounet-Sully, lhe pediu para dançar a *Marcha Funebre* de Chopin! Ela porém, negou-se, exclamando: — Não, que me pode trazer mau agoiro!...

OS SEUS SERÕES DE ARTE

Assim, no seu magnificante *studio* de Neuilly, reuniam-se com intraduzível emoção, atraídos e subjugados pela arte incomparavel e inconfundivel de Isadora Duncan: estudantes, aristocratas ganhos



Uma bela «pose» da notável bailarina

á causa sagrada da Revolução, conspiradores das mais diversas classes sociais e de ambos os sexos, ou seja, a fina flôr da intelectualidade irreverente e fugida ao odio tremendo dos autocratas russos e que resolvera, como suprema libertação, abrigar-se, senão esconder-se, na hospitaleira e sedutora Paris.

TROTZKY E ISADORA DUNCAN

Trotzky, então exilado na capital da França, á espera de melhores dias e não pensando ainda, seguramente, em ser o feroz ditador militar que foi apoio a queda do Império, não se desdenhava, no intervalo das suas maquinações de conspirador incançável, em render culto fervoroso á deusa Terpsicore...

Trotzky era um dos *habitués* do sumptuoso *studio* de Neuilly. Mais assíduo, porém, do que éle era Lunatcharsky, o qual vivia como um boémio incorrigível na extremidade barulhenta e jovial do Bairro Latino, fumando sempre por um fantástico cachimbo e ora afogando-se com cerveja, ora bebendo pipas de chá nacional, para matar saudades e acalmar os seus instinctos de revolucionário ansioso de vitória e sedento de vingança.

Nos curtos intervalos das demonstrações coreográficas, travavam-se palestras politicas, literárias e artisticas, animadíssimas e nunca interrompidas por qualquer intervenção policial, sempre repugnante e inoportuna...

NA COMPLETA NUDEZ IMPÚDICA!

O *studio* cosmopolita de Isadora Duncan era como que um delicioso templo consagrado e aberto á pureza ideal da sua Arte sublime, mesmo quando ela, impulsionada irresistivelmente pelo seu ardente desejo de emancipar a dança de qualquer ilusão decorativa e de todo o artificio, numa palavra, da técnica francesa e italiana, não hesitava em oferecer-se aos olhos extasiados dos seus admiradores em completa nudez impúdica! Era então como que uma estátua de Fidias animada, perante a qual todos se curvavam extasiados, reverentes... e isentos de pecado!

Isadora entendia que a nudez não era incompatível com a castidade, lembrando-se da concepção ateniense do divino...

DE REGRESSO Á RUSSIA

Lunatcharsky, nunca se esquecendo de Isadora Duncan, convidou-a, efectivamente, por intermédio de Krassine, a visitar de novo Petrogrado e Moscú, para onde ela, em 1907, partira e donde se retirara para fixar residência em Paris.

Panem et circenses — gritavam os romanos. Ora, na falta de pão, os *Soviètes* haviam concebido a estranha ideia de matar a fome do povo russo proporcionando-lhe occasião de gosar o seu predilecto espectáculo — o da dança! Assim, os *Soviètes*, com inteligente artificio, occultavam a sua audaciosa manobra politica... Os bailados geniaes e estonteantes de Isadora Duncan contribuiriam poderosamente para o povo russo suportar, com heroicidade espartana, a fome.

Mas não foi só Lunatcharsky quem se convenceu de que o prodigioso e sugestivo talento da eminente dançarina deveria concorrer para a ambicionada e radical transformação politica do povo russo. De facto, segundo algumas teorias modernas, nada ha que resista aos enca-



Isadora Duncan, no apogeo da sua carreira, regem, em Paris, um estúdio de arte e beleza, onde ensinou a centenas de crianças, a sua arte sublime

tadores rebreos e ademanos da deusa Terpsicore, quando baixa á terra dos incorregíveis e eternos pecadores... E ela, Isadora Duncan, era a encarnação de Terpsicore ou, na frase de E. V. Svetlow, uma estátua animada, uma realização do mito de Galathea.

A mímica — disséra a célebre dançarina a Krassine — não é apenas uma arte sublime; é ainda, e especialmente, "uma linguagem politica capaz da mais formal precisão".

O enviado comercial russo, sorrindo, concordára com a *diva* e a projectada visita oficial de Isadora Duncan a Moscú, passou logo a merecer a inteira aprovação de Trotzky. Seria uma espantosa e convincente propagandista dos ideais políticos bolchevistas.

UMA MEMORÁVEL CONFERÊNCIA

Isadora Duncan, que um dos seus biographos erismou de "filha maluca das musas", foi no século XX, incontestavelmente, a dançarina mais bizarra e genial.

Ha talvez já trinta anos, na grande sala indiana do Cecil-Hotel, de Londres, realisou Isadora Duncan, em honra dos representantes da imprensa britânica, com carácter particular, uma sensacional conferência sobre o que ela chamou "a filosofia do seu talento".

Nessa memorável conferência exaltou, eloquentemente, os méritos da sua Arte como "linguagem universal". Os assistentes julgaram a principio, estar na frente de uma linda mulher completamente alucinada!

A eminente dançarina sustentou que a sua Arte, melhor do que qualquer outra, sem exceptuar a própria literatura, conseguia exprimir todos os pensamentos... com a certeza matemática! Dois gestos traçados no espaço — afirmou, convicta — adquirem o valor de duas cifras! Mas ha mais. Em determinada altura da sua originalíssima conferência, exclamou:

— *Tenez. Voulez-vous que je vous danse le dernier discours de mr. Asquit sur le veto de la Russie?*

E, sem aguardar resposta, bailou o discurso do grande estadista inglês com evidente contentamento dos assistentes, os quais julgaram-no mais compreensível e interessante dançado do que lido na reprodução stenográfica do *Times*!

De resto, considerar-se a dança como "lingua viva", não constitue uma audaciosa invenção.

O barão de Orimm, numa das suas cartas dirigidas a madame d'Épinay, historia que um pretendente, que alcançara audiencia de certo personagem da corte, se lhe dirigiu assim:

— Tenho redigidos dois memoriais sobre a minha questão. Um em prosa e outro em verso, para o caso de que V. Ex.^a prefira a poesia...

— *Voyons vos vers.*

— *Ils sont charmants.*

— Senhor duque, tenho-os também musicados e, se o deseja, vou buscar o meu violino á ante-câmara e faço-lhos immediatamente ouvir.

— Sinto verdadeira curiosidade em os escutar... — respondeu o titular com um sorriso irónico e interessado a bailar-lhe nos lábios.

O trecho foi executado e agradou. O pretendente, porém, antes de dar a ultima arcada, ainda acrescentou: — Se o senhor duque se di-

gnasse tocar o *motivo*, também o poderia dançar...

Como resistir a tantos prodígios? A questão — era fatal — foi ganha pelo esparto pretendente.

DANÇANDO NO PARTHENON

Certo dia, Isadora Duncan embarcou para a Grécia com o propósito firme, inabalável, de dançar no Parthenon.

Quando, na capital helenica, perante uma multidão de turistas deslumbrados, ela se exhibia, a policia quiz interrompê-la e prendê-la. Era uma doida!

Mas ela respondeu-lhe, continuando sempre a dançar: — "Fiz voto de resar sobre a Acropole. Reso como sei!"

Apoz a Grande Guerra, derrubado o carcomido trôno dos Csars, acreditando nas teorias bolchevistas e aceitando o convite de Lunatcharsky, fundou em Moscou uma escola de dança, mas, em breve, compreendeu o que era na prática a tirania vermelha...

Casada com Serge Essenine, jovem poeta russo de grande engenho, mas alcoolico e brutal, foi por êle barbaramente agredida e, por fim, abandonada!

O REGRESSO DE ISADORA A PARIS

De regresso a Paris, depois de mil aventuras e de sofrer, resignadamente, mil privações, assistiu, com lagrimas de sangue

a desprenderem-se dos seus olhos formosissimos, á perda dos seus dois filhos nas aguas turvas do Sena e á venda quasi sacrilega, em leilão, do seu magnifico *studio* de Neuilly.

Desesperada, seguiu para a Riviéra, com o auxilio monetario e por conselho de amigos fieis, na companhia de Seroff, o seu derradeiro capricho sensual. Em Nice, porém, deparou-se-lhe, em condições tragicas, a morte libertadora!

EM NICE

Arrendára, cheia de esperanças e illusões, uma sala enorme, onde realisaria as suas exhibições coreograficas — uma sala enorme inteiramente forrada de veludo violeta e com divãs em veludo vermelho. O recinto descia em anfiteatro até ao pequeno estrado que para ella reservára. Mas uma americana sua discípula roubou-lhe o coração inconstante de Seroff e ela, perdida de ciúmes, alucinada, decidiu acabar com tão insupportável tortura.

O 1.º ACTO DA TRAGÉDIA

Acolchetou sobre os ombros um largo manto de purpura e, de olhos no céu, braços cruzados sobre o peito, como uma santa caminhando para o martírio, pernas nuas, num passo rítmico, avançou pelo mar dentro. A água, a pouco e pouco, envolveu-a até á cintura, depois subiu-lhe até ao peito... E ella caminhava sempre para a morte corajosamente, de braços já erguidos para o céu! A água cobriu-lhe, por fim, as espá-



Isadora Duncan numa interpretação coreográfica da «Marselheza»

duas. Depois, no turbilhão de uma onda, o seu corpo sumiu-se...

Um official inglês, que casualmente assistira ao trágico banho, avaliando o perigo iminente, atirou-se ao mar e salvou-a. Quando Isadora Duncan voltou a si, teve esta curiosa frase:

— Que bela cena para cinema, não é verdade?

Sobreveio a congestão. Ao médico, que se esforçava para a salvar, agradecia-lhe, murmurando:

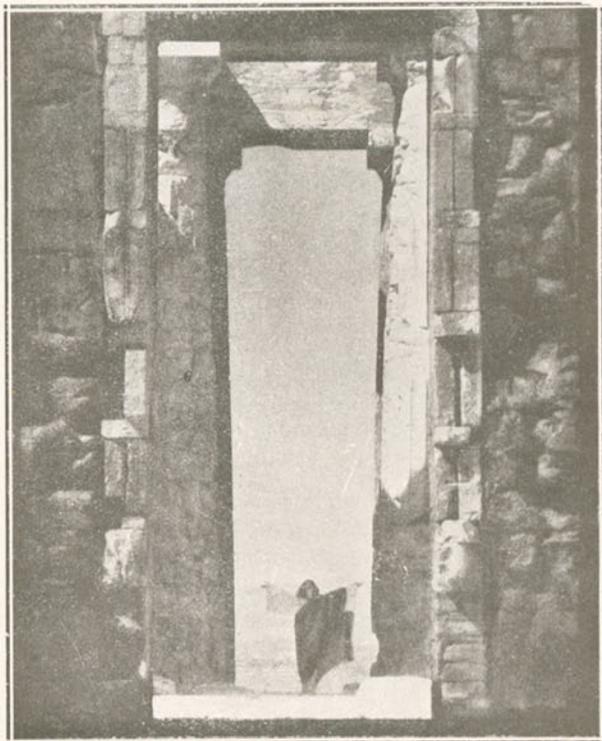
— Então? Porque se apoquenta? Hei-de viver. Está escrito que eu serei desgraçada e que hei de ter ainda muitas outras aventuras.

E assim aconteceu...

O FINAL DA TRAGÉDIA

Um dia, em setembro de 1927, o automóvel em que passeava, em Nice, capotou e a sua *écharpe*, prendendo-se numa roda, estrangulou-a! Quando a socorreram, tinha a espinha dorsal quebrada! Faleceu com 44 anos, apenas, pois nascera em 1883, em San Francisco da California. O seu corpo jaz, incinerado, no "Père Lachaise", em Paris.

Emygdio Garcia.



A eminente bailarina dançando no Parthenon

As lindas paisagens portuguesas

da Caparica, do Algarve e do Minho

vão figurar num filme de origem belga

ESTES cinco artistas que vieram até Portugal, sem subsídios nem ajudas de custo, única e exclusivamente com os seus próprios recursos, no firme propósito de realizarem um filme com assuntos portugueses, e pintarem algumas dezenas de quadros, merecem a nossa simpatia e o acolhimento fraterno que lhes dispensa a "Ilustração". Tão pouco habituados estamos a que nos façam justiça, a que exaltem o que temos de bom, que, francamente, devemos aplaudir sem reservas nem tibiezas o esforço dos artistas da "Caravanne". Quatro homens e uma senhora. Quatro belgas e uma russa. Três lusófilos e dois que não-de, certamente, vir a sê-lo. Ei-los, cinematograficamente. Primeiro, Marcel Hastir, um pintor de garra, que acumula as funções de chefe da "équipe", desde ministro das finanças até conselheiro. A figura de Hastir, recorda-nos Rudolfo, o pintor da "Boémia", de Puccini.

É, na divina arte de Van Dyck e de Rembrandt, um "vanguardista", sem ter caído no exagêro. Forma com o seu colega Charles Smets a parêlha que tem a seu cargo fixar na tela a maravilhosa, a deslumbrante, a paradisíaca paisagem de Portugal. Há, na sinceridade das suas expressões, o rictus de quem, a-pesar-de moços, têm passado a vida em contacto com a boémia que encourça as almas para os maiores sofrimentos. Não há nelas a preocupação do "decor" e da "pa-

tin"... São tal qual os nossos olhos os fixaram. Simples, despreocupados, alegres, um sorriso de felicidade a bailar-lhes nos lábios e uma cançoneta parisiense a vibrar nas cordas vocais...

Stéphane Börg, "doublée", de jornalista e de galã cinematográfico, é um nome de cartaz, uma figura que o nosso Chiado não conhecia, que ainda não tinha sido beijado pelos raios solares que nos aquecem e nos iluminam... Ouvira os seus companheiros de aventura falarem de Portugal e dos Açores, com emoção e sentimento... Seus olhos tristes com a neblina que envolve durante quâsi todo o ano a sua Bélgica querida, brilhavam na ânsia de se embriagarem com a luz solar que lhe diziam ser a jorros em Portugal... E foi alvoraçadamente que se sentou ao volante dum "Minerva" que uma casa de automóveis lhes emprestou para esta jornada artística, e partiu velozmente, Bélgica, França e Espanha abaixo, devorando quilómetros em direcção a Lisboa.

Carlo Queeckers é desde há um ano, um sincero lusófilo, um apaixonado pela sinfonia panorâmica da terra lusa. Viveu com Marcel Hastir e Charles Smets, durante seis meses, nos Açores alcantilados.

Percorreram, em peregrinação artística, tôdas as ilhas atlânticas, desde S. Miguel exuberante de vegetação e beleza natural, até à selvática ilha do Corvo, no caminho da América do Norte, sentinela avançada da Europa na imensidade do Oceano. É um realizador de categoria que tem na sua bagagem artística uma série de filmes que o impõem entre os primeiros homens da manivela da Bélgica. A "Síntese dos Açores" é um filme cheio de pitoresco, um documentário que constituiu um belo cartaz de propaganda em terras estrangeiras, que Carlo Queeckers filmou na companhia de Marcel Hastir e de Charles Smets e em que os actores são os bons camponeses dos Açores que se prestaram de boa vontade a colaborar com a "Caravanne". Os trabalhos de Queeckers impuseram-no como um autêntico valor, reconhecido na "Kermesse Flamande", em "Melodie Bruxeloise", em "Tangerloo, la vie d'un grand monastère", e por último na "Síntese dos Açores".

A "Pagã" é o novo filme que trouxe a "Caravanne" a Portugal. Ele será começado na Caparica e desenrolar-se-á do Algarve ao Minho, focando as mais lindas paisagens do nosso país. Ao contrário da "Síntese dos Açores", que é um

documentário, a "Pagã", é uma obra dramática, o contraste entre uma loura nórdica e um moreno latino, a narrativa de duas vidas humanas no campo psicológico. Vera de Kyrpotine, a heróina da "Pagã", é uma russa que cêdo abandonou a Pátria para viver em Paris e a quem a guerra implacável reduziu à orfandade. A sua beleza "exquise", es-lava invulgar, firmaram-lhe, ainda bastante nova, um lugar entre as aspiradoras a um título de glória na Sétima Arte.

Aos 10 anos, Vera de Kyrpotine, maravilhava com o fulgor do seu talento e com a formosura do seu rosto, os directores duma empreza cinematográfica, que lhe deram o primeiro papel no "Roger La Houte". Depois, percorreu mundo, visitando o Oriente, filmando na Indo-China, na Índia e nas ilhas misteriosas e canibalescas de Java.

Vera de Kyrpotine, admirada a frio, sem a paixão nos olhos e a razão esquentada, é uma beleza rara que nos aparece arrancada a um quadro dum pintor da escola flamenga. Há na doçura do seu olhar, a saudade da Pátria que abandonou, mas que não esqueceu...

Quando se queda sôsinha na contemplação do mar infindo, mergulhando o seu olhar na lençol de águas azuis-turquezas que escondem mil ambições, Vera de Kyrpotine tem âncias de arrojear o seu belo corpo ao mar para que êle o reconduza às praias de Santa Rússia cujas portas lhe estão agora fechadas.



Vera de Kyrpotine
(Foto Alban, Bruxelas)



Marcel Hastir
(Foto Brasil)

Armando de Aguiar.



Em «Hauptbahnhof», o chefe da estação dá o sinal de partida

DESDE que surgiram os aviões, excedendo tôdas as velocidades dos meios de locomoção, essas aves gigantes que nos transportam rapidamente dum a outro ponto, enquanto nos apresentam panoramas fantásticos e inolvidáveis, convencidos ficamos de que a ciência locomotriz havia atingido o máximo.

Se há umas dezenas de anos nos dissessem que uma máquina viria diminuir, sensivelmente, o tempo a consumir numa viagem, ririamos des-

121 quilómetros a velocidade média dos comboios que fazem o percurso Hamburgo-Berlim, isto é, vinte e cinco quilómetros mais do que anteriormente. Temos a impressão de que tal excesso de velocidade as deveria satisfazer. Entretanto, assim não sucedeu e, nos princípios do corrente ano, surgiu, nas linhas ferreas da Alemanha, o mais veloz expresso da Europa, o «Fliegender Hamburger» — (Hamburguez-voador) — excedendo entre 39 e 59 quilómetros a velocidade máxima até então obtida. O an-



Na hora da largada há sempre uma multidão...

crentes e apodariam de idealista quem tal afirmasse.

Entretanto essa época foi-se e outra veio e com ela surgiram os aeroplanos, ante a estupefacção de todos. Dias, meses e anos se passaram e a admiração deu lugar ao entusiasmo e êle à indiferença.

Os aviões já não provocavam espanto; tornava-se, por isso, necessário pensar noutra qualquer coisa, que atraísse as atenções gerais, que entusiasmasse o mundo, que revolucionasse a ciência.

A ciência e a técnica alemãs já haviam conseguido elevar de 96 a

O COMBOIO-RELÂMPAGO HAMBURGO-BERLIM

Um percurso de 286 quilómetros é feito pelo «Fliegender» em pouco mais de duas horas

damento deste comboio é tal que ultrapassa o dos aviões, realizando, em pouco mais de duas horas, um percurso de 286 quilómetros, a distância entre Hamburgo e Berlim, as duas grandes e importantes cidades da Europa Central.

Para que se possa melhor avaliar a velocidade do «Fliegender», basta dizer que qualquer dos expressos normais como os que circulam entre Paris e Bordeus; Paris e Marselha; Munich e Colonia ou Roma e Nápoles, necessitariam de quatro a cinco horas para realizar o mesmo trajecto que, embora cômodo, não se poderá comparar àquela.

Logo que tomámos logar numa das duas carruagens que compõem o comboio relampago Hamburgo-Berlim e nos acomodámos num daqueles esplendidos sofás de veludo polimacromático, trabalho de habéis artistas, o «Fliegender-Hamburger», silenciosamente, inicia a marcha como se fôra um auto de grande luxo.

Segundos decorridos, os mostradores colocados nas extremidades das carruagens, indicam-nos que a velocidade, já alcançada, é de noventa quilómetros. Os ponteiros dos referidos mostradores, todavia não estacionam ali, naquele número; descem até cem, cento e sessenta e algumas vezes a cento e oitenta, quilómetros enquanto aquelas duas carruagens vôm, sobre os «rails», através da magnificência da paisagem.

E a viagem prossegue, encantadora e deliciosa sem os incômodos ruídos de motores, trepidação ou oscilação.

Criados empertigados, dentro de acedíssimos «dolmans», brancos, principiam servindo café e refrescos.

Enquanto alguns passageiros procuram matar o tempo lendo ou cavaleando, outros ha que procuram nas

bebidas refrigerio para o calor daquele dia ou no «bridge», ou «bluff», a distração das duas horas de caminho; duas horas que passam rápidas, tão velozmente como o andamento daquele expresso que, continuamente, serpenteia através de infundáveis planícies ou espessas florestas de pinheiros, daquele comboio, o único, que é constantemente saudado por um grande número de pessoas que aguardam a sua passagem, que o admiram como coisa rara, que o preferem como a nenhum outro.

As carruagens do «Fliegender», foram construídas de forma a deminuírem o mais possível a resistência do ar; baixas e sem quaisquer saliências exteriores, à excepção de dois pequenos tubos de escape que se observam nas extremidades dos tejadilhos.

As janelas fecham-se ao nível das paredes; os faróis fundidos nas próprias carruagens e os estribos e fêchos fôram colocados interiormente.

As duas carruagens, que têm o comprimento de quarenta e dois metros, estão simetricamente dispostas assentando, cada uma, nas extremidades, sobre um suporte giratório, com motores «Maybach» de 410 H. P., possuindo ao centro um outro suporte também giratório, comum, a ambas.

Os dois motores estão directamente ligados com os geradores eléctricos.

A deslocação ondulatória das carruagens produz um efeito bastante interessante que é realçado pela sua pintura crème e violeta aliada ao prateado do tejadilho.

As duas pequenas janelas da frente, no lugar onde vai colocado o maquinista, dão ao «Fliegender-Hamburger» um aspecto singular de vida.

É... como um dragão prehistó-

rico, colérico chispando fôgo, silencioso e traiçoeiro o «Fliegender», surge no horizonte, correndo sobre os «rails», voando sobre aquela fita de aço luzidio até desaparecer do outro lado por entre aqueles massivos de verdura, por entre as espessas florestas de abetos e pinheiros.

A sinalização e certas curvas apertadas da via ferrea não podiam mantêr-se ante um comboio com tal velocidade, sem que perigasse a vida dos passageiros.

Assim, logo nos princípios do ano anterior, foram substuidos todos os sinais do trajecto, de modo a combinar a velocidade do «Hamburguez-voador», com a máxima segurança dos passageiros; modificadas algumas curvas e amplificados os desvios e as agulhas de estações pequenas, de modo a permitir que este comboio, símbolo da velocidade, passe adiante dos outros mais lentos e vagarosos, sem necessidade de parar ou de abrandar a marcha, com velocidades médias, se a memória nos não falha, de cento e cinco a cento e dez quilómetros à hora.

E, ao entrarmos em Berlim, na «Lehrter-Bahnhof», mais uma esta-

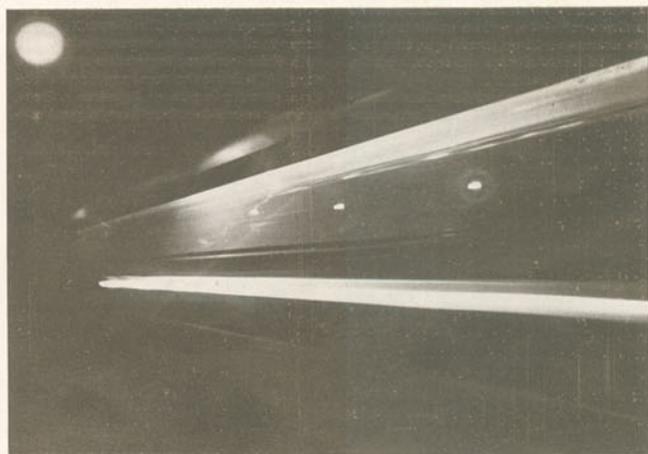


E... as horas passam entre uma partida de «bridge» ou de «bluff»

ção monumental da grande capital da Europa, e ao abandonarmos o «Fliegender-Hamburger» trazemos a recordação inesquecível desta deliciosa viagem, deste comboio maravilhoso da ciência e técnica alemãs, desta máquina que desperta, tanto á partida como á chegada, a curiosidade e o entusiasmo da multidão que se comprime a admirá-la e saudá-lo, à sua passagem, como coisa rara, como coisa única.

Berlim: agosto de 1933.

Torres de Carvalho.



Vleioz como um relâmpago o «Fliegender» passa...



Spitz, o saltador em altura americano, que excedeu sempre 1^m, 99 durante a sua 'tournee' pela Europa

A França começa experimentando os primeiros efeitos indirectos da emigração da Taça Davis para novos territórios. Henrique Cochet, o prestigioso defensor do tenis gaulez, tantos anos considerado o primeiro jogador do mundo, acaba de enveredar pelo caminho do profissionalismo. Esta decisão sensacional têm sido apreciada das mais diferentes maneiras, favoravel e desfavoravelmente.

Consideram-na alguns como uma perda irreparavel para o tenis francez nas futuras competições internacionais, entendem outros mais puristas que ela envolve um atentado à nobreza dos principios essencialmente desinteressados do desporto; há quem o aprecie, porém, como um gesto pratico de desassombro moral.

Referindo-se ao caso escreveu com muita razão, um conhecido critico francez: «Diga-se o que se disser, quando um amator atrai para traz das costas o arminho, talvez falsificado, de um alvo amadorismo, passa a existir um hipócrita a menos ou há um homem que, ameaçado de em tal se transformar contra sua vontade, prefere evitar o contágio».

O amadorismo dum super-campeão como Cochet, obrigado, para manter a sua fôrma, a con-

sagrar ao tenis toda a sua actividade, em constantes viagens durante os doze meses do ano, não é susceptivel de convencer o mais innocente dos criticos.

O profissionalismo destes azes excepcionais está absolutamente dentro da lógica. Desde que, voluntariamente ou não, o desporto se transformou num espectáculo, atraído uma multidão apaixonada e que paga à entrada o direito de manifestar o seu aplauso ou o seu desgosto; desde que é permitido fazer uma publicidade comercial em volta do nome de um campeão, é também natural que este receba a sua percentagem nos beneficios da empresa.

O desporto evolucionou ou, pelo menos, actua hoje num mundo novo. A verdade de há cincoenta anos já não pode ter o valor de uma profissão de fé. Sob que lei moral negar a um atleta o direito de negociar o seu esforço fisico, se ele aerve de arto à exploração de empresarios que por seu intermedio recolhem receitas importantes?

As teorias puristas de certos dirigentes, ou são antiquadas, ou escondem interesses proprios. Compete aos praticantes esclarecer a situação, pondo de parte as casusticas dos orientadores e enveredando decididamente pelo caminho que melhor lhes convém.

Quanto mais numerosos forem aqueles que hajam compreendido o direito honesto de viver das suas aptidões, explorando-as dentro dos limites das regras estritas de uma moral comum, mais desanuviada e respiravel se tornará a atmosfera do mundo desportivo.

Haverá sempre amadores; nos desportos pobres ou nas pequenas colectividades sem receitas.

Mas no dia em que o dinheiro comece a girar em torno das proezas desportivas deste ou daquele, é difficil evitar que, simultaneamente, a tentação lhe não venha de aproveitar com justiça dos lucros que proporciona a terceiros. Muitas vezes, quasi sempre que os homens em tal caso não reivindicam claramente a sua parte no bolo, é porque ela lhes é entregue às escondidas, por qualquer forma menos leal e menos desassombrada.

O outono trouxe-nos as primeiras manifestações dos jogos desportivos chamados de inverno, e o football retomou a sua actividade em campo, preparando-se para os jogos de suma responsabilidade que em Maio nos hão-de opôr à Espanha em prova eliminatória do campeonato do mundo.

Os clubes ensaiam nos primeiros encontros a composição futura dos seus grupos representativos, procurando para os jogadores a fôrma, que uns mezes de salutar inação provisoria-

mente adormeceu. Vedada a sua pratica por lei durante os mezes estivais, o foot-ball não desapareceu durante a estação das crónicas desportivas, porquanto à falta de jogos a relatar, encontraram os jornalistas assunto basto na fermentação politica dos meios dirigentes.

Para não falhar à regra os congressos da Federação suscitaram a curiosidade publica, com sua indispensavel atmosfera de escandalo, terminando pelo restabelecimento de uma solução, honesta e lógica, referente à situação dos clubes do Barreiro distarçados em lisboetas na epoca finda, mas que parece destinada a sugerir novas complicações, a manter o ambiente de discordia e conflicto, clássico no meio.

Ignoramos ainda qual será o destino final da discordancia. Decidiu o Congresso que os clubes do Barreiro passem a jogar na jurisdição do districto de Setubal a que legalmente pertencem; os interessados, e a Associação de Lisboa sua solidaria, apelaram para os poderes officiais estribando-se na existência de uma séde legal daquelas colectividades em Lisboa, que todos sabem ser um recurso sofismado.

O caso dará que falar, e uma vez mais registamos a deplorável interferência das instâncias officiais em resoluções federativas, a pedido de entidades filiadas. Contrário ao espirito e letra dos regulamentos desportivos, este apêlo traduz uma deplorável manifestação de indisciplina, testemunho de uma sociedade onde ninguém se submete de bom grado à lei, quando ela é contrária aos seus interesses pessoais.

Disputaram-se em Turim os quintos Jogos Universitários, para os quais o governo italiano construiu expressamente o magestoso Estádio Mussolini; oitenta mil pessoas assistiram à cerimonia inaugural, revestida de grande brilhantismo pela apresentação de um vistoso cortejo de estudantes envergando os trajos medievais das antigas universidades do país. Trinta e dois países estavam representados, embora alguns deles muito resumidamente: a China, por exemplo possuía um único delegado, mas figurava no desfile.

A notar ainda que a maioria das nações havia-

A QUINZENA

O profissionalismo
A nova época
Jogos Universitários

DESPORTIVA

e o tennis francês
de "foot-ball"
no Estádio Mussolini

deslocado os seus desportistas estudantes, mercê de subvenções importantes dos respectivos poderes officiais. Portugal, uma vez mais, ficou

adormecido manifestando aquele desinteresse lamentável que tanto nos tem prejudicado num terreno precioso de propaganda internacional.

Os jogos comportavam um vasto programa comparável ao dos torneos olímpicos e ficaram assinalados por alguns resultados excepcionais. Em atletismo, por exemplo, foram iguados dois records do mundo, o dos 110 m. barreiras pelo americano Morris e o dos 150 m. pelo italiano e campeão olímpico Luigi Beccali, batendo na embalagem final o zelander Lovelock, actual recordman da milha.

Os americanos que tomaram parte nas provas atléticas dos Jogos Universitários, e que foram além de Morris, Laborde, Fuqua e Mac Cluskey, faziam parte de um grupo oficialmente seleccionado pela respectiva Federação e que ha cerca de dois mezes vem percorrendo a Europa em successivos concursos, sempre com exitos retumbantes. Nunca se vira no velho continente um grupo de valores equiparáveis e os resultados obtidos por esses homens merecem uma referência especial.

Metcalfe, o célebre corredor de velocidade mulato, segundo nos 100 e 200 m. de Los Angeles, correu vinte provas, contra os melhores sprinters europeus, e venceu sempre; nos cem metros o seu peor tempo foi 10 s. 1/5, conseguindo três vezes os 10 s. 2/10 e duas 10 s. 2/5. Em 200 m., os seus tempos variaram entre 21 s. e 22 s.

O corredor de 400 m. Fuqua, vencedor em Turim nesta distancia, foi creditado em duas provas com 47 s. 2/5, afirmando também um valôr nos 200 m., onde apenas Metcalfe conseguiu batê-lo. Cunningham foi uma das estrelas da equipa, alcançando resultados que contam entre os melhores do mundo, tal o quilómetro em 2 m. 23 s. 9/10, tempo este que apenas é superado pelo record mundial de Ladoumègue. No dia seguinte disputou, uns 800 m., triunfando em 1 m. 50 s. 1/5. Já falámos do corredor de barreiras Morris, faltando-nos citar o corredor de fundo Mac Cluskey, que apezar da sua classe foi o único a ser batido pelos especialistas europeus.

No capítulo dos concursos, os americanos

contavam com dois lançadores de disco, Laborde e Anderson, os quais ambos ultrapassaram os cincoenta metros, e o saltador em altura Spitz, homem de estilo impressionante que em Budapest conseguiu transpôr dois metros, e em todos os restantes concursos excedeu sempre o metro e noventa.

Os campeonatos do mundo de ciclismo, organizados em Paris, com a participação dos mais célebres corredores de todas as nações europeas, consagraram as vitórias da maioria dos favoritos, reservando porém uma surpresa sensacional. O campeonato profissional em estrada, disputado na autopista de Monthéry num percurso de 250 kms., terminou pela vitória do francês Speicher, o homem que menos de um mez antes vencera a Volta da França.

Este corredor fôra escolhido como reserva pela respectiva Federação e apenas dois dias antes da prova foi confirmado participante, em virtude de doença súbita de um dos efectivos, Speicher, que não contava correr, descurará um tanto a preparação, limitando a sua actividade ao cumprimento dos numerosos contractos em velódromos, firmados apoz o triunfo na Volta. Quando os dirigentes velocipedicos quizeram avisalo da sua selecção definitiva, só foi encontrado noite adiante num cinema, onde fôra com uns amigos apoz um bom jantar entre camaradas.

Apezar disto, ou talvez por isto mesmo, impoz uma superioridade nitida sobre todos os competidores, talvez excessivamente preparados, terminando isolado, com cinco minutos de vantagem sobre o segundo, o seu compatriota Antonin Magne.

Os azes italianos, Binda e Guerra, desfiluram totalmente, nunca conseguindo afirmar a sua classe de campeões nos anos precedentes.

O Sport Algés e Dafundo, baluarte indefectível da natação lisboeta, trouxe à nossa cidade um forte agrupamento de nadadores espanhols, pertencentes ao Club Natació de Barcelona e ao Canoë de Madrid, que ha oito mezes visitara nossa digressão desportiva a que fizemos referência.

Os festivais organizados com a colaboração dos campeões da nação vizinha, na magnifica piscina de Algés, conseguiram felizmente uma animadora affluência de público e contribuíram para definir o caminho de progresso pelo qual deve enveredar a natação portuguesa.

De um modo geral os visitantes affirmaram superioridade, conquistando todos os primeiros



Henrique Cochet, o prestigioso tenista francez, que ingressou no profissionalismo

lugares, excepção feita às corridas de braços, apanágio de João da Silva Marques, e à prova de 1,500 m., onde Azinhalis dos Santos arrancou os louros da classificação mercê de uma rara energia dispendida sem reservas.

Um aplauso também para Silvina Vieira Alves, vencedora da catalã Pilar Gastearena na prova de 100 m. braços, num tempo que corresponde a um novo record nacional.

Os progressos dos nadadores portugueses affirmaram-se, de resto, apezar de haverem sido batidos, pois se não levaram a melhor na luta com os adversários, saíram-se bem da competição com o tempo, conseguindo estabelecer vários mínimos portugueses.

Nos jogos de water-polo affirmou o Barcelona uma superioridade flagrante, vencendo o Algés por 10-0 e o Bemfica por 8-0, os quais por sua vez se vingaram da desfeita sobre o grupo madrilenho, contemplando-o com 8-1 e 4-3.

Felicitemos o activo Algés e Dafundo pela sua arrojada iniciativa e fazemos votos pela repetição de organizações semelhantes, indispensáveis ao aperfeiçoamento dos nossos nadadores.

Salazar Carreira.



Os estudantes italianos em trajos medievais das velhas universidades desfilam no Estádio Mussolini durante os Jogos Universitários Internacionais



Os nadadores catalães Zwiller, Carulla, Sabata e Brull que estiveram em Lisboa a convite do Sport Algés e Dafundo

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«NO CASINO DE SINTRA»

A favor das obras da igreja de S. Martinho, da vila de Sintra, realizou-se na noite de quarta-feira, última, no salão de festas do Casino de Sintra, gentilmente cedido pela sr.^a D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho e pelo sr. Armando Coelho, uma récita por distintos amadores, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Amélia de Freitas Guimarães de Carvalho, condessa de Alvor, condessa do Cartaxo (D. Maria), condessa de Seisal, D. Cristina Resebde da Silva, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Lívia Street de Atriaga e Cunha Melo Breynner, D. Maria Luísa de Melo Ulrich, D. Maria Rita de Lencastre e Távora de Lima Mayer, marquesa do Cadaval, D. Octávia Guedes Cau da Costa, D. Sarah Horgan, e viscondessa de Assêca (D. Luísa).

Subiram à cena as peças «Un caprice», de Musset e «Le coeur a ses raisons» de Robert Flers, completando o espectáculo um acto de números de canto e música.

Na primeira comédia tomaram parte as sr.^{as} D. Maria de Lima Mayer Ulrich e D. Teresa de Melo Ulrich, que tinham a seu cargo respectivamente os papéis de «Madame De Lery» e de «Matilde», aos quais deram extraordinário realce, sobretudo a primeira das senhoras, pois o papel da segunda, não lhe deu margem para brilhar, e os srs. António dos Santos Oliveira Belo e D. José Corrêa de Sá (Lavrado), que desempenhavam, respectivamente, os personagens de «Mr. de Chavigny» e de «criado», que concorreram para o belo conjunto, tendo o primeiro no diálogo com a sr.^a D. Maria de Lima Mayer Ulrich, ocasião de evidenciar os seus méritos ar-

tísticos. Na segunda, que estava assim distribuída: «Madame Vernieres, D. Maria de Lima Mayer Ulrich; «Lucien», D. Fernando de Melo Castro (Pernes); «Jacques», Augusto de Lima Mayer e «Criada», D. Marta de Lima Mayer. Asr.^a D. Maria de Lima Mayer Ulrich, emprestou a essa difícil personagem, que era um contraste da outra peça representada, um extraordinário realce, não descuidando o mínimo detalhe. Nessa peça as honras cabem, sem dúvida alguma, ao sr. Augusto de Lima Mayer, que deu ao seu papel de «galã cómico», uma bela interpretação, conservando a mesma linha até final. Os restantes intérpretes, em papéis de importância, saíram-se brilhantemente.

Entre a representação das duas peças houve um acto de variedades, em que a sr.^a D. Elvira Melo de Castro (Pernes), cantou magistralmente vários números, evidenciando-se uma boa voz, de um timbre muito agradável, e o sr. Armando da Câmara Rodrigues, que se fez ouvir também em vários números de canto e de música, marcou mais uma vez, o seu lugar no meio amador, lugar de grande destaque, pois se pode dizer que é um verdadeiro artista. Nesse acto houve ainda vários números em português e francês, por um còro de senhoras e rapazes, pertencentes a nossa melhor sociedade, que agradaram muitíssimo. Esse acto foi apresentado, com uma grande novidade, uma «Casa de gramofones» em que cada número aparecia num grande disco a cabeça do executante.

Todos os improvisados artistas receberam no final fartos aplausos, aplausos de que também compartilharam a sr.^a D. Maria de Costa de Sousa de Macedo (Estarreja) que, com a sr.^a D. Maria de Lima Ulrich, foram as animadoras desta linda festa e o sr. João Vicente de Lima Mayer, que dirigiu os ensaios das duas peças.

Depois do espectáculo houve baile, ao som do exímio quarteto «jazz-band», que aos domingos toca no Hotel Costa, em Sintra, que nessa noite tinha a seu cargo o serviço de «bar», que foi esplêndido.

A noite de quarta-feira 20 de setembro, no Casino de Sintra, vai decerto ficar gravada a letras de ouro nos anais mundanos, como uma das mais belas ali realizadas.

Casamentos

Para seu neto o sr. D. Luiz Calheiros de Lencastre, filho da sr.^a D. Maria Emília Calheiros de Lencastre, já falecida, e do sr. D. Sebastião de Lencastre, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Francisca Pereira da Silva (Bretianos), a sr.^a D. Izabel Henriques de Lencastre (Alcaçovas), gentil filha dos srs. condes das Alcaçovas. A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Delfina Graça da Silva, interessante filha da sr.^a D. Josefa da Graça Silva e do sr. António da Silva, com o sr. Virgílio Falcão Jorge, filho da sr.^a D. Emília do Nascimento Jorge e do sr. Virgílio Henrique Jorge.

Fôram madrinhas a sr.^a D. Clara Koch e a mãe do noivo, e padrinhos os srs. António Teles d'Utra Machado e Gaudêncio Luiz da Silva Costa.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de artísticas prendas.

— Em capela armada na residência da sr.^a D. Jesuina Peixoto, viuva do sr. Ignacio Peixoto Espírito Santo, á Avenida Antonio Augusto de Aguiar, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento de sua gentil filha D. Maria Helena, com o sr. Fernando Paiva, importante proprie-



Casamento da sr.^a D. Maria Helena Peixoto com o sr. Fernando de Paiva realizado na residência da mãe da noiva

tario, filho da sr.^a D. Carlota Mottili de Paiva, e do sr. Antonio Lopes de Paiva já falecido.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. Antonio Lopes de Paiva, irmão do noivo e o dr. Clarimundo Victor Emilio.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo prior de S. Sebastião da Pedreira, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, tendo durante a cerimonia sido executado no harmonio pelo distincto organista sr. Alberto Fernandes, varios trechos de musica sacra.

Finda a cerimonia foi servido no salão de meza, um finissimo lanche da pasteleria «Bernard», seguindo os noivos depois para a sua quinta da Raposa, em Mafra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se em Alcochete, na parochial de S. João Baptista, o casamento da sr.^a D. Maria Modesta Gomes d'Anica, interessante filha da sr.^a D. Alzira da Conceição Gomes d'Anica e do sr. Antonio Gomes d'Anica, com o sr. João Baptista Lopes Seixal, filho da sr.^a Ana Barbosa Lopes Seixal e do sr. João Baptista Lopes Seixal.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Julia Maria Lopes Seixal e D. Clotilde Lopes Fernandes e padrinhos os srs. Anastácio Gomes Coelho e o dr. José Grilo Evangelista.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Joaquim Lopes Seixal, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finissimo lanche, da pasteleria «A Garret», partindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de artísticas prendas.

— Para seu sobrinho, o sr. Antonio Arbués Moreira, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Luiza Arbués Moreira, esposa do sr. dr. Eduardo Arbués Moreira, a sr.^a D. Maria Ferreira Mesquita Capucho, gentil filha da sr.^a D. Elvira Ferreira Mesquita Capucho e do sr. João Felix da Silva Capucho.

A cerimonia deverá realizar-se ainda este ano. — Na parochial de S. Jorge em Arroios, realizou-se o casamento da sr.^a D. Arminda do Rosario Massa, com o sr. dr. Fernando Luiz Madeira, filho da sr.^a D. Aurora Fernandes Madeira e do sr. Joaquim Duarte Madeira.

Serviram de padrinhos as sr.^{as} D. Deolinda da Encarnação e D. Amélia da Fonseca Freitas,

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas prendas.

D. Nuno.



A sr.^a D. Delfina Graça da Silva e o sr. Virgílio Falcão Jorge, por ocasião do seu casamento

COMEÇOU bastante frouxa a época presente, o que pode ser considerado, com um pouco de optimismo, como bom augúrio promissor de mais largas realizações num futuro que já não pode vir longe.

Para inauguração, deu-nos o São Luiz «A Tentação de Pamplinas», uma farça de Buster Keaton, em que o célebre cómico é secundado por Jimmy Durante e Thelm Todd.

Tem graça o filme e nem outra cousa se poderia esperar. Mas está longe, muito longe mesmo, de outras produções do mesmo artista e abaixo, portanto, do seu nível habitual.

E' feliz o motivo principal da intriga. Contudo, as cenas sucedem-se, a meio do filme, com uma lentidão que em filmes cómicos é sempre erro imperdoável.

Tem *gags* curiosos. Alguns — muito poucos — totalmente inéditos. Mas é da comparação com outras obras anteriores que resultam os defeitos desta. Assim, as cenas do palco durante a representação da revista são dum efeito cómico excelente; mas, em confronto, o «Figurante» é sensivelmente melhor, acumulando um maior numero de *gags* no mesmo espaço e servindo-se de processos duma maior simplicidade.

Outro defeito do filme — e éste inevitável — é ser falado. Buster Keaton, como já por vezes o dissémos, é um actor de magníficas possibilidades que o fono cinema veio surpreender, lançando-o numa difícil situação. A sua voz é desagradável, irritante por vezes. Acusa progressos de dicção, relativamente a outras produções anteriores, mas está ainda longe de nos agradar.

Jimmy Durante, o excelente fantasista, revela-se também inferior aos seus provados méritos. Consegue, por vezes, ter graça mas não com a frequência que desejaríamos.

A par deste filme, exhibiu-se no mesmo programa ums curta película de variedades que merece citação especial. Trata-se de «Os reis do trapezio», documentário desportivo de impecável factura que nos revela as emocionantes proezas da «troupe» Codonas, constituída pelos mais arrojados trapezistas do Mundo. O emprêgo hábil e oportuno do retardador valoriza éste filme, dando-lhe singular beleza e tóda a emoção dum autêntico espectáculo de circo. O público segue, entre maravilhado e angustiadi, as complicadas evoluções dèsses homens que se baloçam no espaço, desafiando as leis inflexíveis da gravidade. E durante a realização de alguns numeros particularmente arriscados não deixa de ser curioso pressentir a opressão que paira sobre a plateia. Por certo não era ela mais intensa quando os célebres artistas se exhibiram, há anos, no Coliseu. Que isto sirva para demonstrar o extraordinário poder da sugestão do cinema.

«Tentação de Pamplinas» cedeu o lugar no cartaz a um filme célebre — «A Vénus Loura».

Marlene Dietrich conquistou o público português. Joseph von Sternberg, por seu lado, tem

C I N E M A

ÚLTIMAS ESTREIAS

fanáticos entre esse mesmo público. E não é fácil dizer qual dèles faz acorrer maior frequência a um cinema no caso dum filme, como a «Venus Loura» que um interpretou e outro realizou.

Sternberg é, para nós, o realizador da fatalidade. É talvez esse o motivo da predilecção que por ele manifesta o nosso público.

O grande cineasta austríaco é, no cinema, o que o tango ou o fado são na música. Os seus filmes têm todos esse caracter fatalista, em que pesa, desconhecido e terrível, um destino inexorável. Os seus actores não se conduzem na vida. São conduzidos pela fatalidade que os faz agir como fantoches em teatro de «Marionettes».

É a sua grande obsessão de artista. Por isso, os seus personagens revestem a nossos olhos um aspecto estranho e dominador. Não são criaturas humanas — são símbolos. Símbolos da eterna mi-

Como dissemos, estes traços dominantes encontram-se disseminados na longa série de filmes que ele realizou assinalando, uma a uma, todas as suas produções. Mas em nenhuma èles são tão fortemente acusados como em «Venus Loura», filme que, digamo-lo já, não está por isso isento de alguns defeitos.

«Venus Loura», como a seu tempo foi largamente noticiado, deu origem a um violento conflito entre Sternberg e a Paramount. O grande realizador não se conformava, ao que parece, com determinadas exigências da empresa que entendia dever imprimir certas modificações ao argumento do filme tal como ele fora idealizado por Sternberg. A filmagem chegou a estar algum tempo interrompida e Marlene tomou, por essa ocasião, uma louvável atitude solidarizando-se com o seu realizador. Com o tempo, porém, o conflito foi solucionado e a filmagem prosseguiu. Ocorre perguntar: em que condições?

Sabe-se que a divergência assentava em motivos de ordem artística. Para que se chegasse a acôrdo alguém teve, portanto, que transigir e não cremos que tivessem sido os grandes produtores cinematográficos.

Até que ponto corresponde, pois, o filme á concepção que dèle fazia Sternberg? Eis o que será difícil precisar.

Tal como está, «Venus Loura» é um filme de grandes qualidades. E tantas elas são que anulam os defeitos que lhe posamos apontar.

Há a registar uma certa quebra de acção que se regista a partir do momento em que Marlene vê arrebataram-lhe o filho. Quási insensível, de resto.

Como bom artista, Sternberg sabe dissimular essas imperfeições com pequenas notas de observação e realismo que mantêm presa a atenção do espectador.

A cena do albergue noturno, o episódio dos mil e quinhentos dólares entregues a uma miserável desconhecida, pertencem a esse numero.

Como cantora, Marlene está abaixo da sua categoria. É preciso compreender o facto e aceitá-lo como uma convenção cénica embora esta prejudique o carácter realista da obra.

Dickie Moore é ainda o mesmo grande actor-criança, que já admirámos nos filmes de Al Jolson. A sua interpretação é emocionante.

O desempenho masculino, a cargo de Herbert Marshall e Cary Grant é equilibrado, dando uma réplica cheia de justeza ao trabalho de Marlene.

Desta, finalmente, pouco é possível dizer, de tal modo o seu trabalho se pode considerar perfeito. Só como «estrêla» aplaudida de revistas a vêmos fraquejar. A consciencia do arbitrário dessa figura, tão distante do seu temperamento, deve ter prejudicado muito a sua actuação. Mas, em conjunto, «a mulher feita de todas as mulheres» — para empregar uma expressão feliz da publicidade do Paramount — acrescentou um novo êxito á sua bela carreira.



Três sorrisos — Madge Evans, Una Merkel e Florine Mac Kinney

séria humana, joguetes inconscientes nas mãos de um destino cruel.

Esta característica, dominante no seu feitio de artista, está em todos os seus filmes. Analise-se, um por um, qualquer dos personagens que ele tem feito viver na tela. Em todos encontraremos a mesma trágica subordinação ao destino, o mesmo abandono ante a fatalidade.

Por isso, os personagens da Sternberg são sempre homens fortes e brutais que uma força profunda e obscura anima, ou mulheres pecadoras, curvadas sob a fatalidade, anjos caídos capazes das mais impressionantes dedicações. É o destino enigmático e dominador que, fazendo chocar esses seres, prepara o tema das suas tragédias.

Primeiro em Bancroft e agora em Marlene Dietrich, Sternberg tem sabido encontrar os interpretes que convém á sua obra tão vigorosa e característica. Mas é sobretudo com esta última que a sua arte atingiu o máximo da expressão.



Joan Harlow, que se está exibindo em Lisboa no filme «Terra Abençoada».

Não há para o cinema aplicação mais sábia e útil do que essa de nos contar as histórias maravilhosas e ingénias que fizeram as delícias das nossas imaginações durante a infância.

Através do decorrer dos anos alguma coisa subsiste em nós desse espírito pueril que as histórias de fadas seduzem e as mágicas aventuras dum ser fantástico enternecem. Mas esse espírito dorme esquecido nas profundezas do sub-consciente, esmagado pelo peso acabrunhante das necessidades da vida real.

Para o despertar, para o restituir por momentos a sua doce actividade, só o cinema possui o maravilhoso poder. E pena é que o emprego não raro se faça!

Transformados pela arte das imagens, os contos de fadas não são apenas histórias para crianças. São-nos também para adultos a quem dão durante um momento efêmero esse consolador sentimento de libertação que vem do facto de nos evadirmos da lógica rígida da vida para vivermos num rápido instante num mundo diferente e melhor.

Nada mais admirável para representar esses contos do que a arte simples e profunda dos desenhos animados. Toda a fantasia, toda a liberdade de criação é, ali, possível. E já não é só a linha animando-se e tomando as mais imprevisíveis formas, mas também a cor que evoca em todo o seu brilho esse mundo fértil dos impossíveis.

Walt Disney, o criador das melhores entre essas maravilhas, continua sempre exercendo a sua benéfica actividade. Terminou, há pouco, mais uma das suas pequenas obras primas. Chama-se a «Arca de Noé» e toda a tradição tem aí a sua representação humorística e ligeira.

Sabese que o genial criador de Mickey-rato, vai adaptar ao cinema o lindo conto de fadas «Alice no País das Maravilhas». Esta obra notável da língua inglesa é sem dúvida a mais representativa adepto da lite-

ratura infantil. Escreveu-a, há uns bons cinquenta anos, Lewis Carroll, pseudónimo do matemático inglês Charles Lutwidge Dodgson, que soube conciliar a ciência árida dos números com a arte subtil de escrever contos de fadas. Um grande desenhador britânico, John Tenniel, ilustrou essa obra notável que conheceu êxito extraordinário. Walt Disney propôs-se agora animar no écran as fantásticas criações do escritor e do desenhador.

A obra tem um personagem humano, — a pequena Alice — que vive algum tempo entre os seres maravilhosos dum país de sonhos. Esse papel vai ser desempenhado por Charlotte Henry, uma artista que começou há pouco a sua carreira mas em quem se deposita a maior confiança.

Por nossa parte esperamos com curiosidade esse filme, para acompanharmos durante um momento, a pequena Alice na sua viagem por esse mundo de maravilhas, que ignora a crise e económica e cujo universo cabe num tinteteiro. — M. R.

Exibiu-se recentemente em Nova York um velhíssimo filme interpretado pela divina Duse, a excelsa actriz cuja recordação enche hoje ainda o teatro.

Poucos cinéfilos e poucos amadores de teatro conheciam talvez a curiosa circunstância de ter a Duse tomado parte no desempenho duma película.

A grande actriz foi a isso forçada pelas dificuldades financeiras que sempre atormentaram a sua existência.

O filme em questão intitulava-se «Cinzas» e é extraído dum romance de Grazia Deledda, a célebre romancista italiana que obteve há alguns anos o Prémio Nobel.

Referindo-se a este caso, um articulista escreve na «Gazzetta del Popolo» de Turim:

«Recordo-me que ela ensaiava pacientemente durante horas e horas,

Carole Lombard emergindo dum mar de plumas



CINEMA

O valor cinegráfico dos contos de fadas

certos episódios do filme, com uma tristeza enorme, quasi com vergonha. Desde que o aparelho de filmar entrava em acção o seu primeiro impulso era de voltar as costas à objectiva. Quando o filme terminou, a Duse, depois de ter assistido à projecção, pretendeu que a maior parte das cenas em que tinha tomado parte fossem substituídas.

Como se vê a famosa artista só com sacrifício acedeu a colaborar num filme. Por isso a exhibição desta película só se justificaria a título evocativo, visto que nos mostra a grande actriz sob um aspecto desfavorável.

A península da Florida é, como se sabe, uma das regiões privilegiadas dos Estados Unidos pela amenidade do seu clima. I ai o ser já antiga a ideia de estabelecer lá um novo centro cinematográfico à imagem e semelhança de Hollywood.

Esse projecto está prestes a ser convertido em realidade. Uma importante empresa de Nova York está tratando do assunto e, como na América tudo se faz depressa, conta-se que dentro de poucos meses um vasto estúdio, provido de tudo o que a tecnica mais adiantada exige, se erguerá nessa região.

Em Hollywood há cepticismo quanto ao êxito do empreendimento que terá de vencer inúmeras dificuldades para triunfar. Mas esta atitude da grande cidade dos filmes em face duma provável rival e perfeitamente compreensível.

Krimsky e Cochran são dois jovens americanos que há tempo assistiam maravilhados em Paris à exhibição do filme «Raparigas de União».

A despeito de todos os conselhos em contrário, os dois espectadores tomaram uma deliberação audaciosa: resolveram adquirir os direitos de exhibição da película nos Estados Unidos. Aos olhos de todos os praticos do negócio essa operação era uma temeridade de antemão conde-

nada ao insucesso. O público norte-americano não estava preparado — dizia-se — para a apreciar esse género de filmes.

Sucedeu, porém, o contrário. O filme agradou. Mais do que isso: alcançou um extraordinário êxito e tão significativo que as grandes empresas logo começaram disputando entre si uma artista que assim lhes era revelada — Dorothea Wieck.

Os resultados financeiros da arriscada tentativa corresponderam, é claro, a tão caloroso acolhimento. Os dois improvisados exhibidores viram-se, de súbito, na posse de excelentes receitas. Isso animou-os a levar por diante algumas ideias que há muito germinavam nos seus espíritos. E empreenderam então a realização dum filme por sua conta.

Depois de muitas pesquisas, escolheram, para se estrearem como produtores, uma peça teatral de Eugene O'Neill, intitulada «O Imperador Jones».

A característica mais curiosa d'este filme é ser interpretado por negros entre os quais figurará apenas um branco.

O assunto é a história maravilhosa e verdadeira dum negro que de garoto, vagando pelas ruas de Nova Orleans, chega um dia ao trono do Haiti onde reina com feroz despotismo.

Paul Robeson, o melhor actor negro da América, interpretará no cinema a figura lendária do aventureiro.

Fritz Lang, o grande realizador germânico, foi contratado pela Fox para dirigir em Paris a realização de «Liliom», cuja supervisão caberá a Eric Pommer.

Desperta justificado interesse este facto, pois há curiosidade em saber o que resultará da colaboração de dois artistas de tanto renome.

A campanha anti-semita que está lavrando na Alemanha serviu de tema para o primeiro filme duma nova empresa norte-americana, a «Jewish American Film Art C.», que se propõe reali-



Toby Wing, a feliz corista que chegou a estrela

zar filmes exclusivamente israelitas.

Essa produção, terminada há poucas semanas, intitula-se o «O judeu errante». É inteiramente falada em Yiddish. O principal papel foi confiado a Jacob Ben Amin, artista judeu muito apreciado nos teatros de Nova York.

O assunto é da maior actualidade e relata a odisséia dum judeu, vítima das perseguições «nazis».

Na opinião de Adrian, o mais importante costureiro de Hollywood, as «estrelas» que usam «toilettes» mais elegantes no écran são: Joan Cranford, Katherine Hepburn, Norma Shearer, Kay Francis, Lilyan Tashman, Constance Bennett, Hedda Hopper, Marlene Dietrich, Claudette Colbert e Greta Garbo.

Adrian afirma, além disso, que estas dez mulheres influem mais na moda do que nenhuma outras em todo o Mundo — o que, francamente nos parece bastante exagerado.

Maurice Chevalier anunciou que não interpretará mais papéis de gala, como os que invariavelmente lhe têm sido atribuídos em todos os filmes.

A sua próxima produção basear-se-á na história da sua própria vida. Diz-se que um escritor francês está tratando da confecção do respectivo argumento.

Claire Windsor, artista do teatro e do cinema americano, acaba de ser condenada por um tribunal na pesada indemnização de 75.000 dólares que terá de pagar à senhora Read, com o fundamento de ter «alienado as afeições» do marido desta.

O caso não teria importância de maior se não representasse um aspecto muito característico da vida social dos Estados Unidos.

O facto parece-nos significativo e a tese apresentada é um oportuno alarme contra a dispersão de tantos e tantos documentos que interessam à história duma arte nascente, cujas realizações efêmeras os nossos descendentes só conhecerão talvez por tradição.

Charlot anunciou publicamente a sua intenção de realizar novamente «Opinião Pública» que em 1923 Edna Purviance e Adolphe Menjou interpretaram sob a sua direcção. O novo filme será falado, como era de esperar.



Um ídolo profano sobre o seu pedestal — Jean Parker

sou-se, ao que parece, em caminho de ferro e não passou, segundo foi apurado, dum inocente *flirt*. Foi em vão que o esposo da senhora Read chamou sobre si todas as responsabilidades, proclamando-se culpado de tudo o que acontecera. Em vão também a mãe d'este testemunhou que ninguém podia «roubar» as afeições de seu filho porque ele as distribuía com prodigalidade. O júri considerou legítima a queixa da lesada e Claire Windsor viu-se, como dissemos, condenada no pagamento dessa enorme quantia.

Creímos que pela primeira vez na história, um estudante da Universidade holandesa de Utrecht, de nome Van Helder, escolheu como tese do seu doutorado um assunto relativo à cinematografia.

Na sua vasta exposição o jovem bacharel demonstrou, com o apoio de grande número de argumentos: 1.º — que o autor de cinema não faz parte da categoria dos artistas cinematográficos, visto que há diferença entre tema e realização; 2.º — que a criação de arquivos e de um Instituto de História do Filme se impõe com urgência para evitar o desaparecimento dum vasto material de grande valor.

A tese do estudante holandês foi seguida com interesse tendo valido ao candidato o título de bacharel.

O facto parece-nos significativo e a tese apresentada é um oportuno alarme contra a dispersão de tantos e tantos documentos que interessam à história duma arte nascente, cujas realizações efêmeras os nossos descendentes só conhecerão talvez por tradição.

Charlot anunciou publicamente a sua intenção de realizar novamente «Opinião Pública» que em 1923 Edna Purviance e Adolphe Menjou interpretaram sob a sua direcção. O novo filme será falado, como era de esperar.



PÁGINA HUMORÍSTICA



Acompanhando o entêrru dum amigo

Lopes — E é isto a vida!
 Sargedas — E é isto a morte!
 Lopes — Tão novo!
 Sargedas — Uma criança!
 Lopes — Ainda me custa a crêr!
 Sargedas — Parece um sonho!
 Lopes — Tão bom rapaz!
 Sargedas — Uma joia!



Lopes — Forte!
 Sargedas — Saudável!
 Lopes — Fino!
 Sargedas — Inteligente!
 Lopes — Um cavalheiro!
 Sargedas — Um "gentleman"!
 Lopes — Bom filho!
 Sargedas — Bom pai!
 Lopes — Bom amigo!
 Sargedas — Bom camarada!
 Lopes — Adorado por todos!
 Sargedas — Até pela mulher!
 Lopes — E é isto a vida!
 Sargedas — E é isto a morte!
 Lopes — Um exemplo!
 Sargedas — Um santo!
 Lopes — Um homem excepcional!
 Sargedas — Excepcional!
 Lopes — Um carácter!
 Sargedas — Imposito!
 Lopes — E hoje o luto!
 Sargedas — A dôr!
 Lopes — E é isto a vida!

Sargedas — E é isto a morte!
 Lopes — Honrado!
 Sargedas — Honesto!
 Lopes — Bom pagador!
 Sargedas — Generoso!
 Lopes — Um "mãos largas"!
 Sargedas — Um grande amigo!
 Lopes — Que desgraça!
 Sargedas — Que fatalidade!
 Lopes — E tão novo!
 Sargedas — Uma criança!
 Lopes — Fiel!

Sargedas — Dedicado!
 Lopes — E lá vai!
 Sargedas — Lá vai êle!
 Lopes — Morto!
 Sargedas — Cadáver!
 Lopes — Terra!
 Sargedas — Cinza!
 Lopes — Pó!
 Sargedas — E nada!
 Os dois amigos calam-se por um momento.
 Lopes — E é isto a vida!
 Sargedas — E é isto a morte!
 Lopes — Que êle tinha um feitio muito esquisito!
 Sargedas — Muito especial!
 Lopes — Um neurastenico!
 Sargedas — Um maniaco!
 Lopes — Desconfiado!
 Sargedas — Suvina!
 Lopes — Um unhas de fome!
 Sargedas — Um selvagem!
 Lopes — Batia nos filhos...

Sargedas — E na mulher.
 Lopes — Matou o pai com desgostos...
 Sargedas — E a sogra á fome.
 Lopes — Jogava.
 Sargedas — E fazia batota.
 Lopes — A'parte isto, bom rapaz!
 Sargedas — Dedicado!
 Lopes — Serviçal!
 Sargedas — Amigo!
 Lopes — E é isto a vida!
 Sargedas — E é isto a morte!
 Lopes — E que habilidoso!
 Sargedas — Que artista!
 Lopes — Chegou a fazer dinheiro falso...
 Sargedas — Mas muito bem feito.
 Lopes — Quando foi das partilhas do sogro roubou os cunhados.
 Sargedas — Mas não lhe puderam tocar.
 Lopes — Trabalho, bem feito.
 Sargedas — Ainda lhe ficaram a dever dinheiro.
 Lopes — Um canalha!
 Sargedas — Gatuno!
 Lopes — Coitado.
 Sargedas — Já pagou tudo!
 Lopes — E é isto a vida.
 Sargedas — E é isto a morte.
 Lopes — Viste a viuva?
 Sargedas — Lá estava.
 Lopes — Tôda de prêto...
 Sargedas — Fica-lhe bem
 Lopes — É bem bonita!
 Sargedas — Um bom partido.

Lopes — Sofreu muito...
 Sargedas — Uma infeliz!
 Lopes — Uma escrava!
 Sargedas — Uma mártir!
 Lopes — Naturalmente volta a casar.
 Sargedas — Dizem que ela...
 Lopes — Más línguas...
 Sargedas — Quando se fala...
 Lopes — Ela é um bocado presumida.
 Sargedas — Vaidosa!
 Lopes — Leviana!
 Sargedas — Uma doida!
 Lopes — Volta a casar...
 Sargedas — Também digo. Mais um desgraçado!
 Lopes — Mais uma vítima!
 Sargedas — Como o primeiro marido não encontra ela outro.
 Lopes — Pobre rapaz!
 Sargedas — Pobre amigo!
 O enterro chega ao cemitério.
 Lopes — Já cá estamos.
 Sargedas — Lá vem o coche...



Lopes — Olha para aquilo.
 Sargedas — O que é?
 Lopes — Sempre foi um hipócrita.
 Sargedas — Porque dizes isso?
 Lopes — Repara. Em vida sempre disse que era republicano e agora...

Sargedas — E agora?
 Lopes — Vem ali carregado de corôas. E é isto a vida!
 Sargedas — E é isto a morte!

Lino Ferreira.



VIDA FEMININA

SEMPRE que vou a Londres, sinto-me extraordinariamente atraída pelos Museus e sobretudo pelos de pintura. A pintura é em toda a parte a manifestação de Arte que mais me interessa. A pintura e a escultura falam-me ao cérebro e à alma. O coração palpita-me diante de um quadro ou de uma estátua, com a comoção profunda dum prazer inexplicável. Isto dá-se, talvez, por ter em criança convivido com uma pessoa de família que à pintura muito se dedicava e ter passado dias inteiros, na minha infância, no Museu das Janelas Verdes, que não era então o Museu de arte pura, que é hoje, mas que já continha muitas obras de infável beleza. Este ano, em Londres, dediquei-me aos pintores ingleses. Forcei-me a abandonar na National Gallery, os maravilhosos primitivos italianos que ela contém, sobretudo um tríptico de Orcagna, de 1259, que é uma das maiores belezas que tenho visto. Os Signorelli, os Rafael, os Berujino e o célebre quadro de Leonardo da Vinci, a "Vergine delle Racce", para os quais a minha cultura de Arte, quasi toda feita nos Museus de Itália, me atrai irresistivelmente. Mas nos pintores ingleses nota-se logo à primeira vista uma tal tendência para homenagear a beleza da mulher, que eu tinha, fatalmente, de pôr de parte as minhas tendências pessoais, para observar como cronista da mulher, a obra dos artistas ingleses que, como ninguém, souberam fazer realçar a beleza delicada das mulheres do seu país.

Os mais célebres pintores ingleses são, antes de tudo, retratistas. E quer seja na maneira delicada de Gainsborough ou de Reynolds, ou nas pinceladas enérgicas de Roumey ou Lawrence, nunca a beleza fina e aristocrática da mulher inglesa, a mulher que quando é bonita o é como nenhuma outra, — assim como quando é feia atinge o máximo — teria sido pintada por qualquer outro pintor. Os melhores retratistas, como Van Dyck, Rembrandt, os pintores de mulheres fortes e belas dos seus respectivos países. Essas carnações róseas flamengas ou morenas de italianas, não conseguiriam dar-nos como o fizeram os ingleses, a imaterialidade da beleza, da mulher inglesa. Gainsborough excedeu tudo o que se tinha feito nessa arte, em dois retratos. O maravilhoso retrato de Mrs. Robinson, "Perdida", que está na "Wallace Col-

lection", e o retrato de Miss Siddons que está na National Gallery. No retrato de "Perdida", Gainsborough soube dar-nos a graça maravilhosa dessa mulher, que sem ter o classicismo de feições a que vulgarmente se chama beleza, tem o "charme", espiritual dum indefinível encanto, que nos faz compreender, ao contemplar esse retrato, as paixões violentas que essa mulher inspirou. A sua graça lânguida está dada nessa bela tela com uma maestria única na sinfonia branca, que dos pés aos cabelos empoados a envolve, não destoando o Lulu branco que parece viver ao lado da sua graciosa dona.

No retrato de Miss Siddons a sua maneira é diferente; as feições correctas dessa linda mulher estão profundamente acentuadas e os caracóis castanhos, que lhe envolvem o rosto, têm o "glossy", dum formosíssimo cabelo. O chapéu de plumas pretas que lhe ensombra a testa, dá bem aos olhos uma doçura que atenua o que a perfeição das feições podia dar de dureza ao rosto fino do modelo admirável. Nestes dois retratos está, na minha humilde opinião, bem marcada toda a maestria de Gainsborough, que compreendia admiravelmente a beleza dos seus modelos e o particular de cada uma delas, como formosura. Roumey é, em seguida a Gainsborough, o meu preferido. Ele via-as duma maneira diferente e pintava-as como as via, e a melhor prova é o encantador retrato, uma cabeça, apenas, que ele fez de "Perdida", retrato que está também na Wallace Collection e em que ele consegue, a pinceladas fortes e enérgicas, dar bem nítida a impressão do frágil e suave encanto do seu modelo.

Lawrence e Reynolds são também admiráveis e a mulher inglesa pode dizer-se, sem exagero, que foi naquela época a mulher que teve como ne-



nhuma outra, quem compreendesse a sua encantadora beleza, que ela consegue fazer durar através dos séculos. Nos outros países a beleza modificou-se e raro é ver uma mulher que nos lembre um quadro. A mulher, pela sua "toilette", pela sua vida, tomou um aspecto diferente do que tinha há séculos. Pois bem, a mulher inglesa, que tem uma vida desportiva e livre, consegue manter através da vida o aspecto suave e lânguido da "Perdida", ou a beleza de Miss Siddons e não é raro, em Londres, nas ruas, cruzarmos uma rapariga deliciosamente bela, que nos lembra um quadro de Gainsborough, de Lawrence, de Reynolds ou de Roumey. É a beleza da mulher inglesa que se conserva intacta de geração em geração.

Maria de Eça.

A mulher e as joias

Atentação de sempre para a mulher são as joias. Podem dizer o que quiserem e fazerem ver à mulher, que não são as joias que lhe dão a beleza, ela admira-as, procura-as e deseja-as. É a moda, sabendo que assim lisonjeia os gostos das suas fideis escravas, lança-lhes de vez em quando, uma novidade em joias. Agora para a noite usam-se os brincos compridos, mas só para a noite e em grande «toilette». Damos hoje às nossas leitoras, que tanto apreciam novidades, o último desenho em brincos duma das melhores joalherias de New Bond Street, o centro da elagância em joalheria do mundo. Estes brincos duma grande riqueza têm também a leveza do desenho, que os torna simples e verdadeiramente graciosos. É pois um modelo que as nossas leitoras, cansadas de algumas joias que possuem, e que não sendo artisticamente antigas, podem fazer modernizar, podem copiar com a certeza de ficar possuindo uma verdadeira beleza em brincos modernos.

A moda

COM a próxima chegada do outono, com os dias frios e húmidos que dentro em breves nos virão apouquar pôem-se de parte os vestidos leves e começa-se a pensar seriamente nos ves-





tidos de inverno. Mas para esses ainda é cedo e pensemos apenas em fornecer os nossos guarda-vestidos com uns vestidos mais fortes e agasalhados. Damos um lindo modelo em lã «crepelée» o tecido mais moderno, em «beije» é dum efeito encantador que se coaduna com os lindos dias que o outono habitualmente nos traz neste país dum tão doce e suave clima, que é talvez único na Europa. Completa esta linda «toilette» um lindo chapéu em penas e veludo do mesmo tom. Para os dias frios a tradicional raposa «argentée», que continua gozando o triunfo de ser o abafado ligeiro preferido pelas mulheres elegantes e que dispõem de dinheiro, para dar, por uma raposa verdadeira porque as falsas estão completamente postas de parte, e, hoje que a raposa tanto se tem vulgarizado, só se pode ver uma raposa que seja verdadeiramente boa e bonita, e, que dê a nota de luxo numa simples «toilette». As luvas altas cobrindo quase toda a manga do vestido, em «suéde beije» tem também um «chic» verdadeiramente moderno. Para a noite damos dois lindos modelos. Um para senhora e outro para menina.

O vestido de senhora é uma maravilha da última moda, e faz-nos ver como é actualmente apreciado para a noite o imorredouro tule. O tule dá sempre aos vestidos um ar de leveza e graça que nada consegue igualar e para as mulheres loiras, nada há que mais as favoreça do que um vestido de tule preto. Leve e gracioso faz realçar a beleza do tom dos cabelos doirados e da pele branca e rosada. Este modelo dum elegância sem par é devido ao lápis inspirado da grande desenhadora de modas Woodruff, que tem uma verdadeira inspiração para encontrar o que favorece e torna mais belas as mulheres. Para menina damos um fresco e ingénua vestido em «organdi» de seda branca, bordado. A sua novidade consiste nas mangas em folhos que fazem lembrar certos vestidos de há 30 anos e que formam nas costas um «fichu» que encobre ligeiramente as costas que o corte do

corpo deixa a descoberto. É um vestido gracioso e leve que deve ser usado sem joias apenas uns braceletes de fantasia para dar a nota da elegância sem carregar a «toilette». Felizmente volta a sentir-se na moda a diferença entre as «toilettes» de noite para senhora e para menina. Porque se nada há de mais ridículo do que uma senhora vestida de ingénua, nada prejudica mais a frescura dum rapariga do que uma pesada «toilette» e abundância de joias. Tudo se quer na idade própria e tudo deve ser usado segundo a idade e a aparência. Nada é mais nocivo à elegância do que uma «toilette» que destoe da senhora que a usa.

A poesia japonesa

Um colaborador do *Corriere Radano* narrando uma sua viagem ao Japão, conta-nos como nasceu a poesia no país do sol nascente.

Um dia quando os espinheiros e as cerejeiras estavam em flor, Juagaphi o último génio da dinastia prehistórica japonesa, encontrou-se com a deusa Juasami. Esta quando viu o herói exclamou: «Que alegria sinto em encontrar um jovem tão belo». A primeira impressão do herói foi discutir com a deusa, porque se tinha permitido falar primeiro, mas depois resolveu dar com ela uma volta em redor dum coluna, que estava próxima e encontrando-se as suas mãos, pode exclamar: «Oh! que alegria é para mim encontrar uma donzela tão bonita». E estabelecendo desta maneira simples, a harmonia das coisas, foi creada a poesia. Estas palavras do semi-deus, deram origem á «Janca», que significa canto ou canção, a qual é composta exactamente de trinta e uma sílabas. Isto porém aconteceu no céu. Na terra, tudo se fez mais depressa. As antigas lendas japonesas tornam conhecido, como Suzano, escorraçado do céu, pela sua conduta censurável, de homem violento e velhaco, se deixou na terra fascinar pela graça da encantadora Cuscinaidaina e sem mais a raptou murmurando: «Oito núvens se levantaram no céu, delas farei oito bastões e aí porei a salvo a minha esposa. Oh! como é bela uma fortaleza guardada por oito bastões». Assim que Suzano exprimiu estes seus desejos em verso nasceu a primeira poesia na terra, segundo reza a lenda. Na realidade histórica parece que o primeiro poeta foi Gimmy Zumio o qual compunha versos ha dois mil e quinhentos anos, mas o verdadeiro poeta foi Oviní que viveu em 285. Emigrado no Japão vindo da Corêa trouxe segundo parece a maneira de escrever e o geito poético chinês, marcando bem os seus ditames. Uma das suas mais belas líricas é «A primavera». No decorrer dos séculos houve ali muitos e bons poetas, mais numerosos mesmo do que em qualquer outro país. Também entre as mulheres houve poetisas elegantes e originais entre as quais a Imperatriz Harneo e a princesa Izaneno de quem no Japão se citam ainda hoje e com entusiasmo os docíssimos versos. A mulher japonesa é hoje extremamente culta e dedica-se com entusiasmo á literatura.

O Tennis

Nesta época do ano em que o calor decaie e o bom tempo nos permite ainda a vida ao ar livre, não pode haver uma crónica de modas em que se não trate de vestidos de desporto. Por isso apresentamos hoje ás nossas leitoras, apaixonadas de «tennis» três lindos modelos de vestidos que temos a certeza lhes agradarão completamente, pela elegância de linha e pela liberdade de movimentos, que dão o que é indispensável a este género de vestidos. Nestas simples linhas e nas nossas gravuras encontrarão as nossas lei-

toras indicações para todo o género de «toilettes» desde o mais simples modelo de desporto, á mais elegante «toilette» de noite e podem assim ver, como hão de renovar o seu guarda-roupa, cansado das vilegiaturas.

De mulher para mulher

Joana: Encontra em todas as lojas da especialidade «cretonnes» lindas, que lhe servirão para arranjar o quarto de sua filha. É uma linda idéa a sua, mas não concordo em que lhe faça surpresa, acho que lhe deve dizer e escolher com ela os móveis e os «cretonnes». Aos catorze anos já tem o seu gosto e, habitua-a a interessar-se pela casa e a ter prazer em a embelezar.

Olhos tristes: Primeiro que tudo devo dizer-lhe que não faça gala nessa tristeza sem motivo. Nada há mais aborrecido do que gente triste sem saber porquê. A mulher deve ser a alegria da casa e deve fazer tudo para que á sua volta só haja bem estar. Talvez sofra do fígado, veja um médico. A toalha de chá fica linda em Richelieu. Na borda ponha renda de bilros em linho.

Garola: Faz muito bem de empregar a sua garotice em tão útil empreza. Toda a mulher deve saber fazer o seu fato. É da maior utilidade. Há figurinos que trazem moldes e depois, já que tem tanta habilidade habitue-se a fazer os moldes. É muito mais prático e independente. Estude antes o francês. É hoje indispensável essa língua.

O escritor e os cafés

Na rua Cambon em Paris havia um pequeno café, a quem a sorte tinha dado um bom piano e um inteligente proprietário: o senhor Moisés. Para um pequeno café isto constitue uma dupla fortuna. Como clientes habituais do café havia muitos artistas, dois dos quais o senhor Wiener e o senhor Doneed, na sua qualidade de musicistas e de fregueses davam ao café grande animação, quando se sentavam ao piano. Tão grande era o seu sucesso, que os levou a fazerem «tournées» mundiais, ao ver o êxito dos seus concertos. Um dia Wiener chamou de parte o proprietário e deu-lhe o seguinte conselho: «Meu caro amigo, você sabe quanto o estimo, faça uma coisa, interesse na sorte do seu café



o poeta Jean Cocteau, que é um assíduo frequentador, êle conhece tanta gente e é conhecido de tanta outra, que lhe pode fazer um excelente «réclame». Moisés não esperou segundo conselho e no dia seguinte dirigiu-se a Cocteau, que se declarou pronto a ajudá-lo. E primeiro que tudo propoz-lhe um nome novo para o local, um nome que chamasse a atenção como por exemplo. «Le bœuf sur le toit» que era o título da última obra de Cocteau. Moisés entrado no caminho das reformas, ouviu o poeta, transformou o café num «bar» e depressa se viu forçado a procurar outro local maior que pudesse conter todos os frequentadores. Pouco depois também êste se tornou pequeno, foi-lhe acrescentado um restaurante e por último todo o estabelecimento, com os seus feis frequentadores, se transportou aos Campos Elisios. E Moisés continuou a escavar na sua mina de ouro. Depois do «Le bœuf sur le toit», fundou «Le grand Écart» chamado assim pelo título dum livro de Cocteau. Assim surgiu no segundo andar do Teatro Pigalle «Les enfants terribles» sempre o título duma obra do poeta.

Na «matinée» de abertura, o barão Rothschild fez um divertido discurso, aos assistentes, entre os quais estavam Sacha Guitry, Yvonne Printemps, Gaston Baty, Tristan Bernard e outros escritores. Tocavam dois «jazzs» de negros, uma pretinha dansava e um negralhão cantava com uma doce voz. O barão levantou o seu copo brindando pelas felicidades de Moisés e do seu novo estabelecimento, mas no fim não se ponde conter que não perguntasse: «Meu caro Moisés como fará para abrir e baptisar novos cafés se Jean Cocteau cessar de fazer novos livros?» Isto é uma nota flagrante da vida parisiense.

Convento de figuras de cêra

CÉLEBRE entre as sumptuosas vilas, que os senhores palermitanos construíram em 1700 e 1800 para sua vilegiatura, em Bagheria, é a de Butera. Edificou-a em 1658, Giuseppe Branciforti. Cento e tantos anos depois da edificação, precisamente em 1797, passou pela cabeça ao descendente do príncipe de Butera, Don Ercole di Branciforti e Biguattelli uma destas ideias bizarras, que têm o condão além de surprender, de interessar. Próximo do castelo fez surgir, um pequeno convento habitado por frades brancos trapistas, mas não de carne e osso, em madeira, estôpa e cêra, chamado «La Certosa». À entrada é-se recebido por um clérigo e mais adiante encontramos um frade a tocar a campainha como que, a anunciar visitas. As seis celas de que se compõem a «Certosa» são habitadas por personagens célebres. Em celas separadas encontram-se Adelaide e Cominjo, as quais como diz a



lenda, não podendo unir-se em matrimónio fizeram-se frades da Trappa, e, viveram juntos sem se reconhecerem e

sem ter sido descoberto o «true» da mulher que tão bem soube dissimular o seu próprio sexo. Noutras celas faz-se conhecimento com o príncipe Don Ercole, e com os reis Fernando III de Bourbon e Luis XVI os quais sentados a uma mesa conversam. Pelos seus contemporâneos sabe-se que a aparência fisionómica era tão grande que Fernando por ocasião de uma sua visita á «Certosa» ao reconhecer-se, riu a bandeiras despregadas. Conta-se que na «Certosa» havia dantes dois frades agressivos, que parecia não gostarem de visitas de, fôsse quem fôsse, á sua cela. Um deles batia com a porta na cara ao importuno e o outro atirava-lhe com um balde de água para cima, mas os dois antipáticos autómatos ou se estragaram ou fôram tirados para evitar questões com visitantes, menos pacientes. A mania das figuras de cêra era naquela época apreciadíssima e ainda hoje temos em Paris o museu Grévin e em Londres o museu Tussand, com as suas figuras célebres e os horribeis crimes que se têm praticado, em quadros que arrepiariam se não fôsem burlescos e que denotam o mau passo da humanidade. São mais simpáticos os fradinhos de Butera.

Uma mulher interessante



A princesa Paulina de Metternick, da qual foram recentemente publicadas as memórias sôbre o segundo Império, achava-se feia, o que é um traço de carácter muito raro nas mulheres, e, exagerava. Não era bela mas agradava mais do que muitas belas. Diziam que se parecia com Mademoiselle Desportes do teatro do Ginásio, uma das mais brilhantes interpretes das comédias de Sardou. A princesa perguntou a Sardou se na verdade se parecia com a jovem artista, que diziam ter a «beauté du diable», que com os anos desaparece. Sardou respondeu: «Parece-se pela frescura e pelo espirito, as suas feições são bem diferentes e predigo-lhe que a beleza do diabo a conservará até idade bem avançada». Sardou não a adulava. A princesa conservou aquele encanto, que conquista mais do que a beleza, até uma idade avançada.

E nunca ninguém sonhou em pensar, que á intellectual senhora que por um longo período acolheu no seu salão as mais variadas visitantes e as mais célebres, fôsse negada o dom da beleza. Há caras que sem ter a correcção das feições estatuária valem mais do que as que se julgam perfeitas. A beleza do espirito reflete-se no rosto.

A mulher russa

As mulheres russas tiveram sempre um caracter forte e intrépido. Lê-se no «Le apere eigiorni» que no principio da guerra algumas centenas de mulheres russas se ofereceram como



voluntárias e não tendo sido accite o seu oferecimento, se vestiram de homem, e alistadas foram para a frente e bateram-se com o maior valor. Algumas deram provas de inexcidível coragem. Elena Moskordskaja jovem professora primária num feito de armas nos Carpatos ganhou a medalha de valor militar, e foi promovida a capitão. Há tempos o conhecido escritor Rad Roda, convidado a fazer uma conferência, num círculo literário em Berlim caiu em falar na criada do club como exemplo de fragilidade. Ela que estava assistindo resentiu-se e levantando-se disse: «Eu sou Elisabeth Lichauna» O conferencista tomou a posição de sentido e beijou-lhe a mão. Elisabeth tinha sido capitão na frente russa e depois no «batalhão da morte» do exército de Karniloff, o general, que tentou opôr um dique á maré invasora da revolução. Constrangida a fugir conseguiu salvar a pele numa série de episódios aventurosos. No dia seguinte ao extranho encontro entre a criada-forçada e o literato russo, ela partiu para o Extremo Oriente. De Charbin na China mandou os seus cumprimentos ao seu compatriota. Sabe-se que um coronel Lichacev foi nomeada comandante do exército sovietico no Oriente, como organizador das tropas russas. Tratar-se-há da criada de Berlim que resolvesse servir a sua patria apesar das suas ideias conservadoras?

Receita de cozinha

Bacalhau á provençal: — Prepara-se do seguinte modo: Em decilitro e meio de azeite frita-se uma cebola grande, muito picada, quatro tomates bons, sem pele e triturados. A êste refogado junta-se um dente de alho, um pouco de salsa picada, cento e vinte e cinco gramas de azeitonas pretas, cincoenta gramas de alcapparas e por fim deita-se o bacalhau que deve ter sido demolido, cortado em bocados simétricos. Deixa-se estar ao lume, onde deve coser lentamente de dez a quinze minutos e serve-se no tacho em que se fez.

Pensamentos

Fugi daqueles cuja boca sopra o frio e o calor.

Há dois tesouros naturais que todos os milhões da terra não poderiam adquirir: a saúde e a imaginação.

Uma vida ociosa é uma morte antecipada.

PIM DE FESTA

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
I	■												
II		■											
III			■										
IV				■									
V			■	■									
VI					■								
VII						■							
VIII							■						
IX			■	■									
X					■								
XI			■										
XII						■							
XIII	■												

Horizontais:

I — Rio de Trás-os-Montes — Homem excessivamente rico. II — Estrela — Letra do alfabeto. III — Conjunção. — Derricho — Nota da musica. IV — Três. — Tristeza. — Deus grego que presidia aos rebanhos e aos pastos. V. — Granja — Nome proprio feminino. — Duzentos romanos. VI. — Má sorte — Membro das aves. — Gostei. VII. — Possessão portuguesa — Limpido. — VIII. — Marisco de Cabo Verde. — Possui - Planalto da Asia ocidental. IX — Letra do alfabeto. — Decrépitos — Letra do alfabeto. X — Pronome — Cidade do norte do Chile — Já deu á luz. XI — Não é boa — Braço do rio — Derimencia verbal. XII — Molestia — Altar — Aldeola — Contração de duas vogais em uma.

Verticais:

1 — Ardil. 2 — Inflamação da pele. 3 — Artigo — Dona da casa — Nota da musica. 4 — Excelente — Três letras de norte — Graça. 5 — Sufixo designativo da naturalidade — Utensilio caseiro — Duas letras de estado — Nota de musica. 6 — Formosa — Serve para tecer. 7 — Defesa prolongada. 8 — Cama portatil — Tesouro. 9 — Prefixo que designa repetição — Culpada — Ao longe — Viração. — Nome proprio feminino — Naquele lugar — Colera. 11 — Conjunção. — Grande quantidade — Artigo. 12 — Acto de rasgar em pedaços. 13 — Coleção de corações.

XADREZ

(Solução)

Branças

Pretas

1. P4BR

Se. 2. T4R+

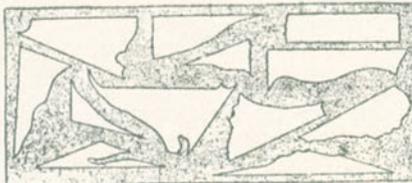
2. P×T+mate

em qualquer das outras variantes

2. D1BD+mate

QUE ANIMAL SERÁ ESTE?

Com 12 papelinhos brancos reconstituir a silhueta de um animal bem conhecido. Os 12 papelinhos a que nos referimos vêm-se no nosso



primeiro desenho, destacando-se sobre um fundo cinzento. O que é necessário é recortá-los e colá-los, em seguida sobre o rectangulo negro



que reproduzimos. Se os colocarem bem no seu lugar, hão de vêr imediatamente aparecer a silhueta desejada.

BRIDGE

Espadas — — —
Copas — A. 8, 7, 6.
Ouros — D. 7.
Paus — R.

Espadas. — 6. N Espadas. — 9, 8.
Copas, — — — O E Copas. — R. D. 10,
Ouros. — 9. S 4.
Paus. — V. 9, 8, 7, Ouros. — 8.
3. Paus. — — —

Espadas. — 10, 2.
Copas. — 5.
Ouros — 4.
Paus — 10, 2.

Trunfo é ouros. S é mão e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S' entra com o az de ouros; joga depois o 5 de paus que cobre com o valete; sobre o 10 de trunfo de N, balda-se ao rei de paus; depois de ter jogado o 9 de paus de N, dá a mão a O com o 7; conforme fôr a balda de E, ou deita copas ou o valete de ouros. O não poderá jogar senão copas e S fará assim as 7 vasas.

O espírito inglês



O ESPECIALISTA: — Mas, minha querida senhora, não lhe encontro absolutamente sintoma de qualquer doença. Não pode V. Ex.^a ... lembrar-se de alguma? (Do «Punch»).

A graça lá fóra



BANHISTA — (que se estava vendo atrapalhado): — Estou silvo, graças a Deus! Ai vem um cinto de salvação.

OS NUMEROS ROMANOS

(Solução)



ANEDOTAS

Num dos pequenos teatros de Paris havia um excelente actor, que se tornára célebre pela facilidade com que imitava a voz dos animais.

Um dos seus papeis imitou a voz do burro de uma maneira que causou ilusão aos espectadores; porém entre estes encontrou-se um que não ficou satisfeito, e que reproduziu mais exactamente que o actor, a pouco harmoniosa voz do animal.

O cómico, porém, em vez de ficar embaraçado, disse no mesmo instante, voltando-se para o público:

— Senhores, quando se apresenta o original, deve retirar-se a cópia.

Isto fez rir os espectadores á custa daquêle, que o tinha querido superar.

• • •

Um grupo rodeia na rua um pobre operário, que caíra de um andaime.

— Morreu? — perguntou um.

— Ainda não. Está-se á espera que chegue um médico.

• • •

No escritório de um conhecido advogado, acaba de entrar um avarento rico, e não menos conhecido, o qual lhe diz, logo que chega:

— Espero que nada me levará pela pergunta que lhe venho fazer?

— Não, senhor. Aquilo que tiver de levar-lhe, há-de ser pela resposta.

• • •

B. escreve a um amigo:

— Se amanhã conseguir ter cinco minutos de meu, irei passar a tarde contigo,

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilla

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidéa, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidéa sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do apetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a êle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexua I. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00

Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1. vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

À venda a 3.ª edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.ª

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro.—A Beira miguelista.—A queima da pólvora.—O Terror Vermelho.—Manuel Brandão-o-Velho.—Convénio de Gavinhos.—A Guerrilha dos «Garranos».—O «Boi de Coja».—Figos coroados.—As murças dos senhores cônegos.—O «Russo».—O forte de S. Paio.—Montaria aos «Garranos».—O cura de Fajão.—O abade de Guardão.—Na feira dos Carvalhais.—Os lobos no fojo.—O Espadagão.—Terror cabralista.—João Brandão.—O juiz de Midões.—Batalhão de S. João das Areias em Viseu.—A guerrilha dos Marçais.—Assalto à Pesqueira.—Tragedia ao sol do Senhor.—A sentença de Apocalipse.—O Ferreiro da Várzea.—Morra Spartaco.—Peregrinação a Vizeu.—As feiras de Pinhel.—Ódio velho.—As endoenças de Avô.—Padre Portugal.—A cabeça do Holofernes.—A Beira de hoje.—Carta de João Brandão.—Reprodução da carta anterior.—Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«Conhece-se através d'este livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
—Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida ou preparar a fortuna

2.^a edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado ... **12\$00**

Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR—DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido.—*DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas, encadernado em percalina

Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI- NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

QUANTOS CORAÇÕES SE DEIXAM ENLEAR PELOS FIOS DOS TELEFONES?!!!



Mas o TELEFONE não é só util para prender corações...

Ele põe-vos em comunicação com os vossos negócios, com o vosso médico, com os vossos fornecedores. Nesta época vertiginosa de velocidade o TELEFONE é o mais rápido meio de comunicação, o mais fiel amigo, o nosso melhor camarada!

**Na vida prática, na vida de todos os dias, para
repouso do corpo e tranquilidade do espirito
INSTALE UM TELEFONE**

Escreva à

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º L.º

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA

e imediatamente um empregado nosso procurará V. Ex.ª

Seja do seu tempo em tudo — **Instale um TELEFONE**